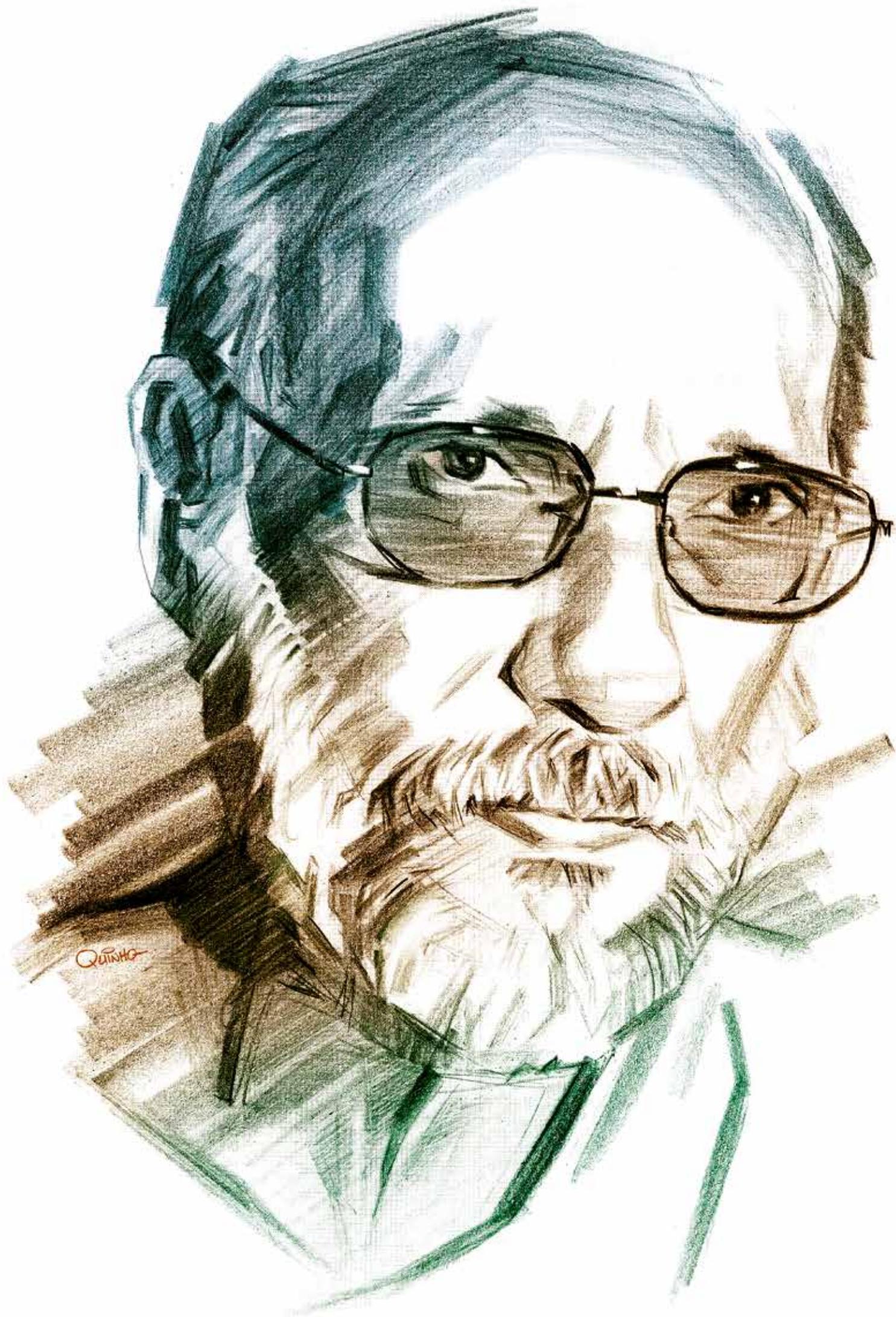


SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Novembro/2018
EDIÇÃO ESPECIAL



SEBASTIÃO NUNES

80 ANOS DE PROVOCAÇÃO E GUERRILHA CULTURAL

Número organizado por Fabrício Marques

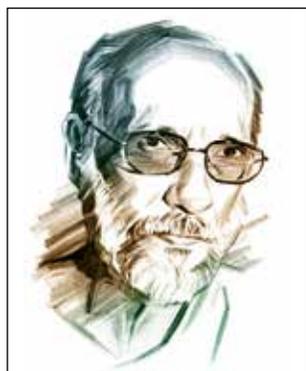


Sebastião Nunes

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Lucas Guimaraens

SUPLEMENTO



Capa: Quinho
Fotografias desta edição: arquivos pessoais

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Coordenadora-Adjunta de Apoio Técnico e Revisão
Escritório de Design
Design Gráfico e Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Flávia Figueirêdo
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Jane Mendes, Rui Coutinho

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores.
Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

A COERÊNCIA DE QUEM RESISTE

FABRÍCIO MARQUES

O

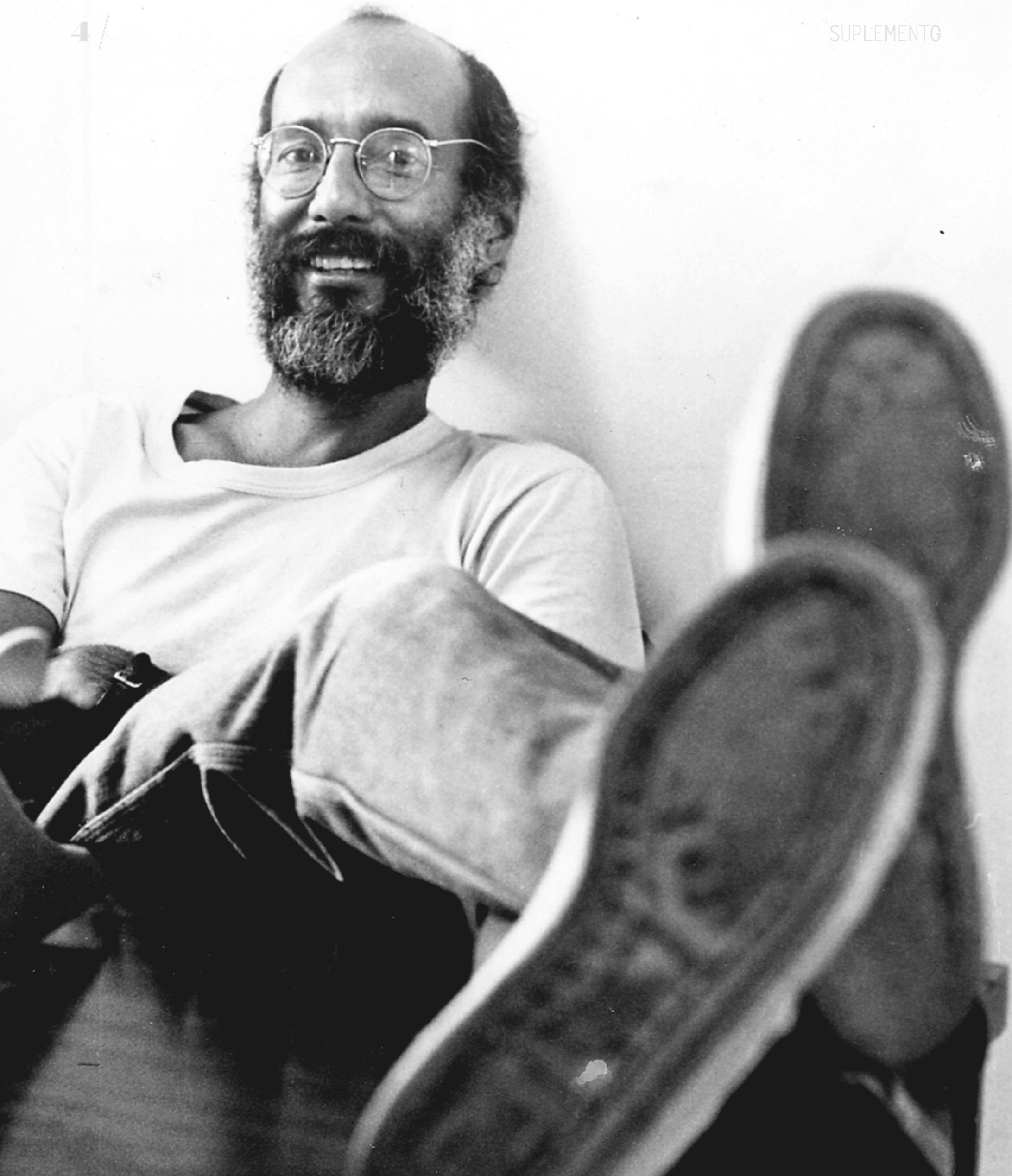
itenta anos separam a data de 5 de dezembro de 1938, quando nasceu Sebastião Nunes, deste momento em que se publica um número do Suplemento Literário de Minas Gerais em sua homenagem. O mineiro de Bocaiuva, que passou pelo Rio de Janeiro e por Belo Horizonte, e vive em Sabará desde 1983, começou a escrever aos 15 anos, tornando-se um caso raro, singular e inclassificável em nossa literatura, e mantendo, em tudo o que fez e faz, uma feroz coerência, naquele sentido estabelecido pelo antropólogo e poeta Antonio Risério: “Coerência não é repetir hoje o que você disse anos atrás. Isso é redundância. Coerência é você manter o sentido essencial de sua procura e de suas ações no mundo. O que, obviamente, pode até levar a mudanças radicais de opinião sobre as coisas e processos do seu entorno”.

Escritor, editor, artista gráfico e poeta, Sebastião Nunes tem sido coerente na produção de uma arte em que se destacam o caráter político e a visão crítica desde que estreou na literatura aos 30 anos, em 1968, com *Última Carta da América* (edição do autor). Este 2018 marca, portanto, os 50 anos de guerrilha cultural e estética de *provocação* (tal como a grafia provocativa sebastiúnica), que comporta o lançamento de 25 livros (dez de poesia, sete de prosa e oito infantojuvenis), performances, exposições individuais e coletivas, despertando desde o início a admiração de leitores, escritores, poetas e artistas de todas as idades. Até hoje.

“Nunca se é suficientemente cruel com os poderosos”: esse poderia ser um dos lemas propugnados por ele (a frase é de Millôr Fernandes, um dos autores de sua predileção – admiração recíproca, diga-se). Essa postura radical coloca-o num campo privilegiado contra os podres poderes, nas suas mais diversas manifestações, e, ainda, contra a classe média brasileira.

Iniciada quase 20 anos antes, a obra poética de Tião encerrou-se em 1989, por determinação dele mesmo. A partir daí, sua produção voltou-se para a prosa. Em ambas as fases predomina o caráter experimental, tanto na poesia que promove o diálogo conflituoso entre texto verbal e imagem, quanto na prosa que testa as fronteiras de gêneros como a crônica-ensaio. Um experimentalismo agressivo, transgressor, intersemiótico, feroz e grotesco.

Este número especial procura dar conta de algumas facetas de Sebastião Nunes, com destaque para dois de seus livros mais radicais, *História do Brasil* – por Cássia Macieira – e *Decálogo da Classe Média* – por Sérgio Alcides –, artigos sobre sua poesia (por Vera Casa Nova e Rogério Barbosa da Silva), sua atuação como cronista (por Adriane Garcia). Completam a edição poemas de Affonso



Ávila, Ricardo Aleixo e João Paulo Gonçalves, textos de dois amigos, os escritores Sérgio Sant'Anna e Drummond Amorim, além de uma pequena amostra da poesia e da prosa experimental do autor. O retrato da capa é de autoria do artista plástico e chargista Quinho.

Para que a homenagem fosse completa, seria necessário falar da ácida crítica à publicidade de *Somos Todos Assassinos* e *Sacanagem pura*. De sua atividade na produção de livros como diagramador – na indústria gráfica e às voltas com livros digitais. De seu trabalho à frente da Editora Dubolso, na qual publicou os seus próprios livros e de mais ou menos 50 autores. Da criação das Editoras Dubolsinho e Aaatchim!, para contemplar sua obra infantojuvenil e também de outros autores, sob o slogan "Criança não é um idiota pequeno, mas pode ser o projeto de um idiota grande." Da estratégia de editar livros utilizando cartas de subscrição ou "pedinchonas", que anteciparam em pelo menos duas décadas o sistema de crowdfunding. Da edição de um pseudo-*Mais!* (cópia graficamente fiel do extinto caderno da "Folha de S.Paulo"), entre outros lances da mais alta ousadia. Mas isso fica para outra oportunidade.

O importante, agora, é saber que Sebastião Nunes, "bruxo de Sabará", "sátiro multimídia", é também o guerrilheiro mamaluco e radical fincado nas trincheiras da resistência contra tudo o que faz do Brasil um dos países mais desiguais e violentos do mundo, conhecido também pelas injustiças que saltam do abismo entre os mais ricos e os mais pobres. Resistir contra a corrente, incomodando o leitor, com a coerência de quem se mantém, depois de tanto tempo, inclassificável.

FABRÍCIO MARQUES

mineiro de Manhuaçu, é autor de uma tese de doutorado sobre a poesia de Sebastião Nunes, defendida na Faculdade de Letras da UFMG em 2004, e organizador do livro *Sebastião Nunes* (Ed.UFMG, 2008).

SÃO SEBASTIÃO DA BOCAIUVA

AFFONSO ÁVILA



nasceu e estudou direito
 mas quebrou o anel pois pleito
 não era a desse sujeito
 perderia causa e efeito
 na verdade seu conceito
 no nome trazia feito
 de devoção e respeito
 mártir seria em preceito
 de reverter preconceito
 soltou-se do tronco de eito
 tirou as setas do peito
 mãos livres tentou o perfeito
 dito de vender o estreito
 por largo e são o com defeito
 fez cartaz dormiu no leito
 politicamente correto
 de dinheiro putrefeito
 certa noite a insônia atreito
 pensou no xará eleito
 e jurou mudar de aspecto
 pula da agência o parapeito
 calça jeans de azul desfeito
 somos assassinos afeito
 a servir o mau confeito
 venenos a contrafeito
 à merda patrão prefeito
 país é história a trejeito
 cada herói quer seu proveito
 povo que leve no recto
 setas a certo e a indireto
 revida então a alvo abjeto
 hoje abrandando o intelecto
 fala da infância o dialeto
 é taumaturgo a seu jeito
 são sebastião do novo preto

AFFONSO ÁVILA (1928-2012)

Mineiro de Belo Horizonte, era poeta, ensaísta e pesquisador, com foco no Barroco Mineiro. É considerado um dos maiores nomes da poesia brasileira. Este poema está no livro *De Cantigas do Falso Alfonso El Sabio* (Ateliê Editorial, 2007) e foi reproduzido na revista *RODA Arte e Cultura do Atlântico Negro*, edição de novembro de 2008.



ALMANAQUE À SOCAPA

SÉRGIO ALCIDES

Dizem que os melhores sebos têm exemplares de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, perdidos entre os livros de botânica ou jardinagem. A quem estiver atrás da *História do Brasil*, de Sebastião Nunes, recomendo que procure na seção respectiva, ou seja, a de história. Quanto a *Somos todos assassinos*, vá até as prateleiras de crime ou suspense. E talvez encontre *Sacanagem pura* na estante dos fundos. Mesmo os dois volumes de *Antologia mamaluca e poesia inédita* serão vistos mais facilmente na parte de psiquiatria, quem sabe?

Quem quiser achar o *Decálogo da classe média*, dê uma olhada em “ciências sociais”. Ou tente uma agência funerária – já que o volume vinha “embalado” num pequeno esquife, representando o “enterro simbólico da classe média”. Sob essa forma, a obra foi distribuída e divulgada de duas maneiras: através de instalações com 50 caixõezinhos enfileirados pelo chão, em corredores de prédios públicos e galerias de arte, ou pelo correio, via mala direta. A visão de um “cemitério” de anjinhos lembrava o Swift de *A Modest Proposal*. Já o pacote entregue pelo carteiro continha lembrança igualmente horrorosa: a morte existe, apesar de toda a alegria dos anúncios de televisão.

Os procedimentos sebastunianos dificultam a presunção de uma “substância” estável para sua obra. O *Decálogo* é o texto, as ilustrações, o caixão, a instalação, o interfone de casa, a surpresa, tudo empacotado, conforme cada situação recepional. Nesse caso radical, nenhuma “exterioridade” pode ser descrita como separada do cerne – nem mesmo a figura esguia e aparentemente esotérica do autor, “plantada” ao lado dos caixõezinhos em exibição.

Nunes vem publicando de maneira independente desde 1968. Entre tanta confusão de categorias, disciplinas e prateleiras, quais seriam os traços que despertam a impressão de coerência juntando num todo sua vasta obra? Não seria nada ligado à ideia romântica de uma subjetividade singular que transmite seu testemunho da vida: um traço permanente de seu trabalho é a despersonalização. Onde está o autor? – se até seu nome próprio fica embaralhado na autoria esquiva, atribuída a elementos obscuros como Sebastunes Nião, Senião Bastunes, Tião Nunes, Ião Nu, Bastião Nu e o perverso Sebunes Nastião (“do inglês *nasty*: sujo, grosseiro, desagradável”, como ele explica, omitindo conotações ainda mais chulas).

Não são heterônimos, mas antes ortônimos combinatórios envolvidos numa lógica de despistamentos. A tática é a provocação guerrilheira: nunca se sabe de

onde parte o ataque. Sua regra é desprezar as regras, desde seu antimanifesto no poema “Oh que estúpido fui!” – que satiriza os “caga-regras” da poesia: “quebrei minha panelinha literária / no dia em que nasci. / (...) quem me empresta nova panelinha? / (...) preciso cagar regras. / ai que saudades de uma cagadinha / na minha literária panelinha”.

Ao preço do isolamento, o poeta nunca aderiu a nenhuma corrente. Podemos imaginar seu corpo magro trabalhando numa zona tangencial demarcada por duas vertentes marginais à modernidade construtivista, que entretanto às vezes “encosta” nela em contatos e trocas importantes. De um lado, temos a incidência da longa tradição dos ironistas e desabusados, remontando a Villon e a Rabelais, passando por Cervantes, Molière e Defoe, até penetrar fundo na literatura moderna em obras de crise como as de Joyce, Kafka e Beckett – ou Machado de Assis e Augusto dos Anjos, entre nós. De outro lado, incide a heterodoxia própria da geração de Nunes, desconfiada mas imprudente, radical na curva, na esquiva, na opção pelo desvio. Apesar da diversidade, há nela um denominador comum que é a preferência pelas extremidades do fazer poético, onde ele ameaça perder o enquadramento e tornar-se outra coisa. Completamente diferentes entre si, é nisso que se identificam Francisco Alvim, Zuca Saldanha, Armando Freitas Filho, Sebastião Uchoa Leite, Roberto Piva, Glauco Mattoso e o próprio Nunes: cada um é a sua escola, e em nenhuma se aceitam novas matrículas.

Nesse grupo, o autor do nosso *Decálogo* se avizinha um pouco mais do grande Zuca, não só por serem dois humoristas antes de mais nada, mas sobretudo por deixarem sua verve atingir os próprios alicerces da literatura. Mas as afinidades terminam aí, se considerarmos o lado mais surrealista e mais “culto” ou aristocrático de Zuca, e o “moralismo” transgressor de Nunes, sua maior necessidade de intervir no espaço público. São dois saqueadores, dois recicladores, mas Zuca trabalha mais com objetos pilhados da alta cultura, da velha burguesia nobilitada pela riqueza e pela boa educação, enquanto Nunes pilha o mundo baço da cultura de massas, da sociedade de consumo.

Sob o aspecto técnico, Zuca é um delicado desenhista, ao passo que Nunes tem a competência do artista gráfico, incorporando alguns procedimentos testados antes pelos concretistas. É significativo que, apesar do luxo de sua matéria-prima, Zuca dê a seu trabalho um acabamento mais improvisado, mais “sujo”, o que é parte do seu encanto, do seu disfarçado lirismo. Nunes é bem



mais objetivo: está preocupado com a eficácia de sua interferência, faz questão de incomodar, precisa do alto padrão de *layout*, fotolito, impressão, *letraset*, e dá o verniz do *design* ao lixo de que se apropria.

No *Decálogo* o apelo visual diminui, mas aumenta a importância paradoxalmente literária do “objeto”, em seu fúnebre e cômico invólucro. O livro parodia o gênero antigo do tratado, com uma sucessão falsamente lógica de “lei”, “demonstração”, “corolário”, “escólio”, “exemplo” etc. Nunes apropria-se da *Ética* de Espinoza para provar que a sátira pode ser instrumento de conhecimento e destruição dos valores vigentes. O autor se disfarça de sociobiólogo ou coisa assim para apresentar seu “zoopatológico assunto”: a vida e a proliferação dos “inclames” (“indivíduos de *classe média*”), subdivididos em “penclames” (os machos), “buclames” (as fêmeas), “criclames” (os filhotes) etc. E experimenta na prosa a colagem de paródias que sempre empregou no poema visual, misturando a retórica das ciências sociais, o manual de biologia, o adágio popular, o bestiário medieval, o relatório burocrático, a narrativa curta, a enumeração caótica, a notícia de jornal, a propaganda.

Diante dos dribles curtos de Nunes, o crítico pode adotar a tática do marcador distraído: talvez tenha algo a ganhar seguindo seu modelo de apropriação de materiais relegados por suas matrizes sociais. Por exemplo, caberia recorrer a trastes abandonados como o conceito vetusto de “estilo” e a noção jurássica de “dicção”. Qual seria o estilo do variadíssimo Nunes, se toda estilística pressupõe uma unidade? E sua dicção, qual seria, se vai muito além do que dita à escrita e incorpora, além do visual, o espacial e o volume?

“Le style, c’est l’homme même” – disse o proverbial Buffon, no século XVIII. Mas, numa via pouco buffoniana (se não mesmo bufa), pode-se desconfiar de que muitas vezes o estilo é o próprio crítico. Já o sociólogo Niklas Luhmann propõe um conceito de estilo não como conjunto de características formais peculiares a determinada obra, mas como um modo de articulação entre a forma e seu contexto. O que teria uma dupla função: garantir a continuidade de uma tradição e demarcar sua autonomia, dentro dos limites específicos de um “sistema artístico”. O estilo então funcionaria “como contato entre sistemas artísticos e ambiência social”.

Nesse quadro faz sentido pensar num estilo por trás da coerência sebastuniana, já que o conceito assim extrapola a constância de atributos formais e ganha essa funcionalidade como contato que reproduz a diferenciação, a fronteira, o limite. Mas isso não significa que o estilo nastônico se contente com tal função. Do ponto de vista do criador, é possível avistar o que a sociologia não enxerga bem. Se ele estabeleceu sua *poiesis* nas extremidades do “sistema”, talvez lhe pareça monstruosa

Faz sentido pensar num estilo por trás da coerência sebastuniana, já que o conceito assim extrapola a constância de atributos formais e ganha essa funcionalidade como contato que reproduz a diferenciação, a fronteira, o limite.

a *autopoiese* convencional e conformada que é movida pelo centro e gera a autorreprodução do todo.

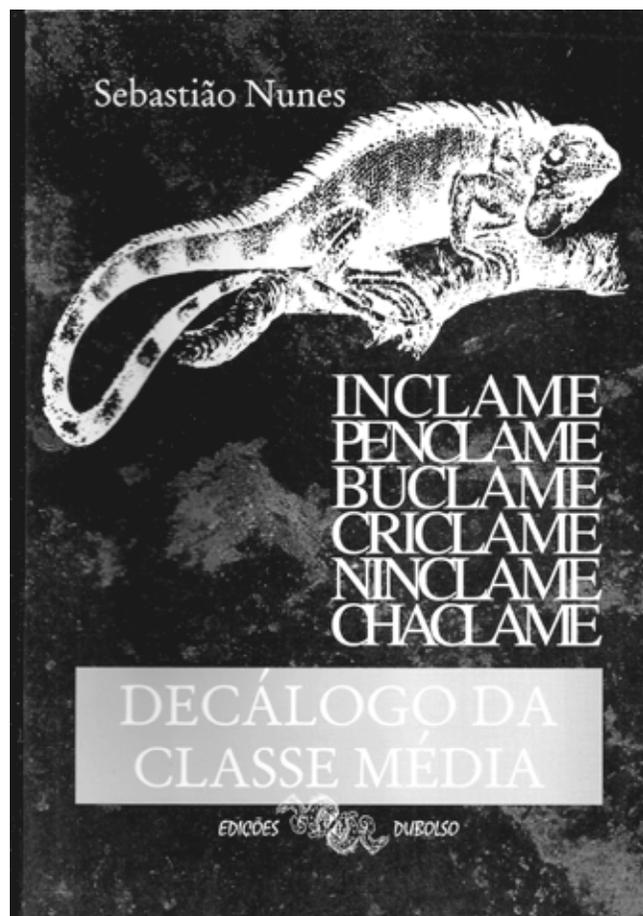
Se o crítico pode imitar o artista guerrilheiro, e se é próprio da guerrilha a pilhagem de boas armas, a docilidade luhmanniana pode bem ser invertida. Sendo o estilo esse conceito limítrofe, qual seria o de um artista dos deslimites como Nunes? Dentro do “sistema artístico”, suas operações estilísticas o incriminam como subversivo. O estilo serve à *autopoiese* da arte e à sua diferenciação social; mas esse artista o emprega a fim de confundir as coisas, desmerecendo os regimes apropriados à autorreprodução e puxando o tapete da diferenciação entre as artes.

O estilo sebanástico promove o transtorno da articulação entre forma e horizonte de referências: sistematicamente sabota o sistema. Exemplo: a apresentação de Nunes em 1998, na Bienal de Poesia de Belo Horizonte (organizada pelo poeta Ricardo Aleixo), foi uma falsa palestra sobre os “inclames”. A plateia ficou em dúvida se estava diante de um sociólogo muito difícil, um ator improvisado ou simplesmente um doido varrido. Outro exemplo: em 1996 a *Folha de S. Paulo* ameaçou processar Nunes por ter impresso e distribuído pelo correio uma versão falsa de seu suplemento de “cultura”, com entrevista e um trecho do *Decálogo*. A reação

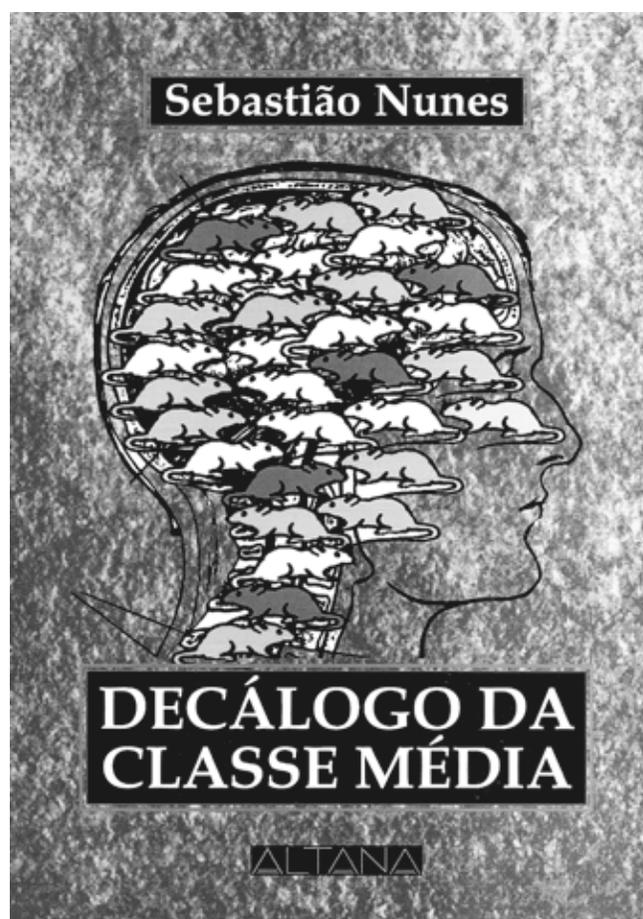
do artista foi “incorporar” a carta ameaçadora à própria obra (assumindo também sua “autoria”). Nos dois casos, a dificuldade de identificar a operação do estilo, definindo um limite claro entre as artes, de um lado, e entre esta e a sociedade, de outro, causou a confusão. Mas o “fracasso” do estilismo era exatamente o seu objetivo.

O “mau” funcionamento do estilo faz o encaixe de muitas apropriações discursivas, cobertas pela despersonalização do autor. Parece uma arte do velho almanaque – produto que a modernidade “cultura” abandonou há muito tempo, mas a indústria cultural nunca deixou de explorar, seja na sua forma original, seja na adaptação desta aos programas do rádio e da televisão. Assim o *Aurélio* o define: “Publicação que, além de um calendário completo, contém matéria recreativa, humorística, científica, literária e informativa”. O almanaque não tem, portanto, autor ou meada, e também carecia de prestígio entre os “inclames” mais educados, coisa que o próprio verbete citado demonstra, através da locução “de almanaque”: “Diz-se de cultura, saber ou conhecimento imperfeitos, precários, superficiais”.

O estilo-almanaque é particularmente confortável para a encenação de uma obra que não se embasa na autoria. Talvez seu ponto mais alto na trajetória de Nunes seja a *História do Brasil (Novos Estudos sobre Guerrilha Cultural e Estética de Provocação)*, que supera de longe o *Decálogo* em variedade e em efeito cômico. Mas se o almanaque se



Reprodução de capas das duas edições de *Decálogo da Classe Média*: a de 1998, pelas Edições Dubolso; e a de 2008, pela Altana.



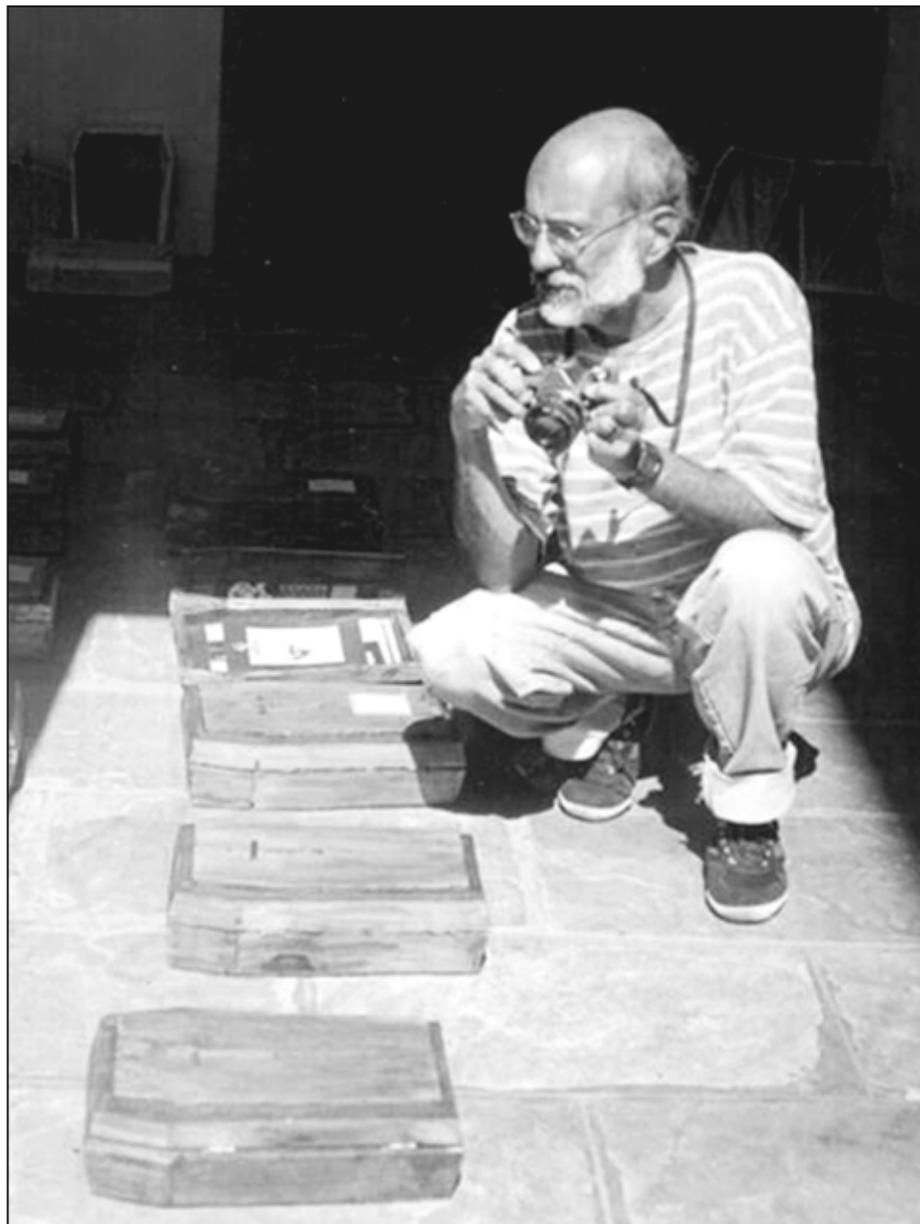
caracteriza por uma diversidade de vozes que resulta em voz nenhuma, como pensar numa “dicção” sebúnica? Compilador e *bricoleur*, o artista aqui fala como o ventríloquo, sob disfarce, trocando de boneco a cada página, de uma cena para a outra.

O resultado é lúdico, pelo jogo dos deslocamentos de expectativa e representação. No *Decálogo*, por exemplo, a leitura linear pode ser chata, mas é justamente isso o que convida o leitor a prosseguir aos saltos. A errância e o acaso são constitutivos do almanaque – e só assim se pode “ouvir” coerentemente a dicção à socapa de Sebastião Nunes. Em algum momento saltaremos de uma citação de Heródoto ou de um poema de Henriqueta Lisboa até a consideração “científica” sobre o diâmetro da garganta “inclâmica” e o tamanho dos “sapos de escritório” – ou à receita de um “churrasco antropofágico”, na qual os ingredientes são os familiares.

A escolha aleatória de trechos, com idas e vindas, garante toda a surpresa e o dinamismo que o estilo-almanaque pode oferecer. Também a dicção à socapa convoca a participação do leitor, convertido em roteirista e intimado a contribuir com seu próprio acervo de conhecimentos (não de enciclopédia, mas “de almanaque”). Quando, nesse itinerário, perceber-se o quanto a “inclamidade” nos envolve, coopta e atordoia, então é porque Nunes já terminou instilar em nós o seu veneno.

SÉRGIO ALCIDES

é carioca, poeta, pesquisador e professor universitário. Esta é uma versão reduzida do texto originalmente publicado em *Rodapé – Revista de Crítica de Literatura Brasileira Contemporânea* (Nankin Editorial, 2001).



MEU AMIGO TIÃO NUNES

SÉRGIO SANT'ANNA

Conheci Sebastião Nunes na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais na década de sessenta. Naquela época era comum que aspirantes a escritores estudassem Direito. Mas ninguém, entre estes, suportava a advocacia e os advogados e Tião não foi exceção. E o Centro Acadêmico promovia concursos de contos e poesias e lembro-me de uma vez em que ele venceu nos dois gêneros. Lá pelo meio do curso, convidou a todos para uma exposição de poemas-quadros seus. Os poemas eram de um adepto de João Cabral e já denotavam o grande talento do poeta. Assim como os quadros antecipavam o excepcional artista, principalmente gráfico, que Tião veio a se tornar. Cheguei a comprar um dos trabalhos que incluíam cola em sua finalização e que depois derreteu no verão, como uma piada retardada do autor.

Eu estava estudando, ou enganando, na França quando recebi pelo correio, enviados por ele, um livro composto de duas partes: *A última*

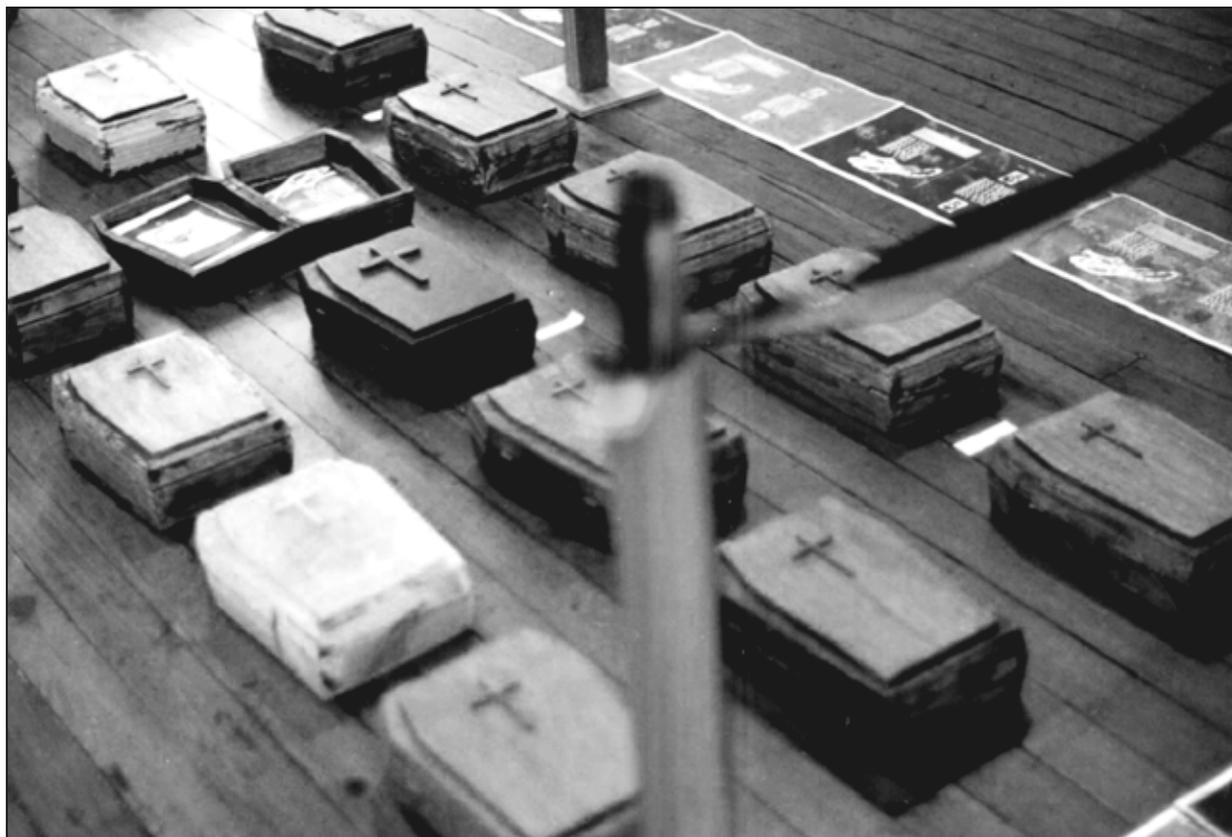
carta da América e o *Auto da virgem ensimesmada*. Fiquei surpreso e entusiasmado e escrevi para o autor, na primeira de uma longa série de cartas que trocamos por muitos anos, quando vivíamos em cidades diferentes antes da era dos e-mails. A obra era um salto vertiginoso do autor, com poemas e ilustrações (estas retiradas da arte medieval) revolucionários em sua forma e conteúdo, e Tião mostrava um notável senso de humor que o acompanhou vida afora. Havia assimilado as melhores qualidades do concretismo, acrescentando-lhe esse humor raro na poesia brasileira e uma maior liberdade verbal, não se prendendo a dogmas. Se se pode compará-lo a algum outro poeta – que surgiu mais tarde – este é Glauco Mattoso, em suas impagáveis publicações *Revista Dedomingo* e *Jornal Dobrabil*.

O próximo grande passo de Sebastião Nunes foi lançar um envelope cheio de poemas geniais em diferentes formatos, que logo acabaram, mas depois foram incluídos na *Antologia de poesia mamaluca* anos mais

tarde, quando Tião já utilizava com maestria o computador. Antologia aliás obrigatória para quem aprecie a invenção, embora Sebastião (que adota diferentes assinaturas, todas mordazes em suas obras) pouco faça por sua divulgação. No entanto tenho certeza de que ficarão na arte e poesia brasileiras. O conjunto foi batizado de *Finis Operis* e continha trabalhos todos eles cheios de invenções em seus materiais (bricolagens com elementos tipográficos e imagens de séculos antes), e formas e que se caracterizavam, entre outras coisas, pelo tom marcadamente satírico, que nunca abandonou em seus trabalhos, escandalizando os que levam poesia a sério. Lembro-me de que, dando aulas na Escola de Comunicação da UFRJ, a ECO, eu costumava retirar os trabalhos de sua sacola e fixá-los com durex nas paredes da sala, para grande fruição dos alunos.

Na ECO eu tinha muito alunos que se tornariam publicitários e vendia a preço módico o livro de Tião *Somos todos assassinos (as vísceras sangrentas da publicidade)* em que os trabalhos continham uma crítica tremenda à propaganda, sem no entanto deixar de mostrar que o autor, num livro de antipublicidade, era um craque tanto na redação como na arte da propaganda, profissão que adotava para ganhar a vida, até que, não aguentando mais, foi morrer em Sabará, MG, e abriu as editoras Dubolso e Dubolsinho, sendo que a primeira publicou meu livro *Junk Box* para o qual contei com toda a arte visual de Tião, num trabalho inventivo e caprichadíssimo, para grande alegria minha. É um livro que utiliza formas e gêneros diversos, entre a poesia fora dos cânones e a prosa. Um livro que parodiava as paródias, fartamente usadas por Sebastião.

Voltando no tempo, vale destacar o vasto período em que Sebastião Nunes foi colaborador do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, em sua fase mais de vanguarda, publicando tanto seus poemas como ilustrações e resenhas, sem nunca perder a verve, escrevendo, inclusive, duas resenhas de livros inexistentes, publicados por uma tal editora Avenida, também inexistente. E, seguindo adiante, quero lembrar de uma publicação sua de um falso número do prestigiado caderno *Mais!* da *Folha de S.Paulo*,



Em julho de 1998, aconteceu a exposição de cerca de 50 caixõezinhos no pátio da Escola de Minas, em Ouro Preto, durante o Festival de Inverno

com todas as características visuais e gráficas do caderno verdadeiro, todo ele dedicado a si próprio, em tom de molecagem, claro, dizendo-se em fase terminal de uma doença e por isso mesmo merecedor de uma retrospectiva. A direção da *Folha* escreveu-lhe uma carta ameaçando-o com um processo, à qual SN respondeu gozando o jornal, que desistiu de qualquer ação contra ele, percebendo de quem se tratava. A própria carta de Tião ao advogado da *Folha* era uma performance e o poeta enviou-a a escritores, jornalistas e críticos.

Outra performance sua foi fabricar um caixão de madeira em que ele próprio e a arte eram os defuntos e teve o trabalho de enviar a obra, bem pesada, pelo correio, para escritores e críticos de todo o Brasil. Eu mesmo tenho um desses caixões guardados.

A verdade é que Sebastião Nunes nunca deixou de ser um escritor marginal, embora o jornal *O Globo* lhe tenha dedicado uma matéria com chamada de primeira página, a que Tião reagiu com indiferença. E até hoje é um rebelde estético e político. Lá pelos cinquenta anos parou de escrever poesia, afirmando que esta era a idade limite para um poeta, não sem

antes publicar um livro com o sugestivo título de *Sacanagem pura*, que bem o define. E passou a escrever prosa, inclusive para crianças, com o selo da Dubolsinho. E um trabalho digno de nota nessa nova fase foi uma *História do Brasil* demolidora dos vultos históricos e com primorosas ilustrações dele mesmo.

Enfim, há muita coisa a escrever sobre esse grande artista, mas paro por aqui, pedindo desculpas por essa escrita tão tradicional, já que não teria a capacidade de redigir na forma e estilo de Sebastião Nunes. Mas espero que este texto sirva com uma homenagem a ele e um chamamento para que os leitores leiam e vejam seu trabalho que, tenho certeza, resistirá ao tempo, como sempre acontece com as obras dos mestres.

SÉRGIO SANT'ANNA

carioca, produziu a primeira parte de sua grande obra literária em Belo Horizonte, onde viveu até 1977, quando voltou ao Rio. Seu livro mais recente é *Anjo noturno* (Companhia das Letras, 2017).



TRATADO GERAL DE EPIGONIA

SEBASTIÃO NUNES

Epígono - (Do grego epigonos, pelo latim epigonu)

S. m. 1. Aquele que pertence à geração seguinte. 2. Discípulo de um grande mestre nas letras, artes, ciências etc.

Proposição

A poesia tem importância quase nula na ordem das coisas, e tem menos ainda por culpa de epígonos, que vivem às turras com outros epígonos. No entanto, incentivados por epígonos, muitos poetas se consideram responsáveis pelo movimento das galáxias.

Corolário

A poesia, poeticamente falando, é uma noite estrelada.

Demonstração

1. O poeta Fulano de Tal acredita que a poiesis (ou o fazer poético) é uma manifestação fundamental, não só do pensamento inteligente, mas da própria inteligência humana. Assim como dependurar-se pelo rabo seria próprio da natureza macacal. Ou babar durante a ruminação seria intrínseco à natureza bovina.

2. O poeta Fulano de Tal se considera o maior poeta brasileiro e um dos maiores do mundo, em todos os tempos. Se ainda não ganhou o Nobel, culpem-se os malévolos intrigantes internacionais. Aliás, Homero, Dante, Camões e Shakespeare também não ganharam.

3. Em consequência, o poeta Fulano de Tal se considera um dos maiores êxitos da espécie humana, em sua longa trajetória darwiniana.

4. No entanto, o poeta Fulano de Tal não pode sair por aí se exaltando. Imaginem Jesus Cristo, por exemplo, declarando no plenário da câmara "Sou o filho eleito de Deus!" Nem a bancada do PDC (Partido Democrata Cristão) deixaria de rir às gargalhadas.

5. Mas o juízo humano é vago, e não se pode deixar ao acaso a proclamação da suprema genialidade do poeta Fulano de Tal.

6. É preciso, portanto, estimular ao máximo o proselitismo e reprimir rigorosamente a contestação, bem de acordo com a máxima consagrada: "Aos nossos epígonos, tudo; aos prógonos alheios, nada".

7. Como a lei geral da epigonia diz que "todo epígono é por natureza medíocre", o poeta Fulano de Tal nada deve temer do talento de seus epígonos.

8. Como nenhum epígono tem ideias próprias, deve o poeta Fulano de Tal estimular seus epígonos a escreverem de maneira epigonal, isto é, sempre elogiosa a ele, Fulano de Tal, e de modo a pensarem que pensam.

9. Seria menos no entanto a glória do poeta Fulano de Tal se, como sugerido no parágrafo 6 (seis), seus opositores, naturalmente epígonos de outros prógonos, proclamassem a progonia de seus prógonos face à progonia de Fulano de Tal. A progonia óbvia de Fulano de Tal ficaria ofuscada, ou pelo menos diminuída, diante das várias progonias exaltadas por multidões de epígonos de outros prógonos.

10. É preciso, pois, massacrar toda e qualquer oposição ao poeta Fulano de Tal.

11. Por oposição ao poeta Fulano de Tal deve-se entender qualquer desvio da ortodoxia, desvio que deverá ser referido como "diluição", "formalismo", "beletrismo", "geleia geral", "conteudismo", "elitismo" ou ainda como "reversionismo" e "esquerdismo/reacionarismo poético" conforme seja a tendência opositora ou — já que não se deve nunca dar asas a cobras — até mesmo minimamente dubitativa.

12. Cabe aos epígonos, como missão principal, reproduzir interminavelmente os poemas de Fulano de Tal, em todos os veículos, meios e canais existentes, de modo a conseguir ofuscar pela repetição, convencer pela insistência e tornar genial pelo dejavismo.

13. Cada novo poema de Fulano de Tal será, portanto, aclamado como obra inaugural, obra-prima absoluta e obra de mestre supremo, mesmo que não passe de simples obra, no sentido privadal.

14. Todo epígono que desobedecer às leis da epigonia será silenciado para sempre, ou pelo menos expulso da epigonia do poeta Fulano de Tal, deixando de frequentar os meios de comunicação de que dispõe, as universidades em que pontifica e até as rodas sócio-literárias que o bajulam.

15. Ser expulso da epigonia é pior do que morrer.

ENCICLOPÉDIA SUBVERSIVA

HISTÓRIA DO BRASIL, DE NUNES

CÁSSIA MACIEIRA

História do Brasil: Novos Estudos Sobre Guerrilha Cultural e Estética de Provocação, de Sebastião Nunes, obra paródica de títulos homônimos dos modernistas Oswald de Andrade (*História do Brasil*, 1925) e Murilo Mendes (*História do Brasil*, 1932), traz a técnica da montagem fragmentada e apresentação por verbetes – iniciando com A (Abertura dos portos) e terminando com V (Villa-Lobos). Sob a forma de aforismos, o autor postula seu lugar de narrador-historiador e aciona o repertório de historiadores, gestos de outros literatos, conduzindo a ficção literária, e, assim, nunca escreve sozinho. Com o humor gráfico e a simplicidade do resultado, retoma, desse modo, procedimentos da antropofagia, do concretismo, da poesia marginal (geração-mimeógrafo), configurados no suporte livro, que pode ser analisado como enciclopédia, almanaque ou obra híbrida – vários gêneros no mesmo objeto. Pode-se pensar nesta obra de Nunes como mais uma de suas provocações para seduzir o leitor, que se vê afetado pela versão “verdadeira” da história do seu país, que emerge com as indicações dadas a cada um dos 93 verbetes que compõem a obra, desvelando a comicidade dos hábitos e costumes (ethos), pondo a história nacional sob a ótica do riso trágico. Ainda assim, é nessa forma de pensamento e ação, no âmbito do comum da vida (práxis), que a história é recuperada pelo ficcionista que pensa o social e o político com as articulações com que pratica a literatura, e que, não desconhecendo as regras do jogo da institucionalização voraz, encontra forma para agir pela sátira.

A compilação de verbetes de Nunes é um manual debochado de guerrilheiro em oposição aos modos de relação entre o capital e a subjetividade. O capital, por meio da ascensão da mídia e da indústria da propaganda, teria penetrado e colonizado um enclave até então aparentemente inviolável. A obra acusa a publicidade e utiliza-se da mesma ferramenta e dos mesmos procedimentos para seduzir o leitor, pelo choque visual e o estranhamento pelo grotesco.

A sátira em *História do Brasil* é um convite a uma nova leitura de mundo, pois o autor-narrador, como niilista, não vê o futuro, e como sátiro e libertino, livre de qualquer peia moral, devasso e incrédulo, ri de tudo e vê o mundo às avessas. Há, em todos os verbetes, uma causticidade na voz do narrador, ao praticar “malabarismos com as palavras” e

uma zombaria mordaz. Faz seus empréstimos e, muitas vezes, não tem a preocupação em assinalar a fonte. Na confrontação estilística é que se dá o riso e a abordagem criativa, mesmo que pela negação. É confrontação e criação simultâneas.

Trata-se de uma obra literária híbrida, na qual os interstícios do verbo e do *design* gráfico – significados discursivos – não se entrelaçam, mas, juntos, formam um significado poético: sátira política traduzida pela plástica. A história do Brasil é recontada com descrença absoluta, por meio de uma rede de textos com várias apropriações verbais em forma de paráfrases, paródia e pastiche, além de práticas intertextuais, como a citação, a alusão e a epígrafe.

Para confirmar os seus verbetes, o narrador-historiador dialoga com o leitor, com o próprio texto e com as inúmeras citações, e aproveita para fazer um tratado enciclopédico da história da literatura brasileira e de sua herança europeia. Promove uma revisitação a Camões, Cervantes, Bocage, Jorge Luis Borges, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, James Joyce, Machado de Assis, aos poetas árcades, barrocos e modernistas, assim como a inúmeros historiadores e economistas que, de algum modo, retrataram e desenharam o Brasil. Essa escolha pela relação texto-contexto assume sua linhagem esquerdista, trazendo, ainda, nomes de revolucionários, anarquistas, relatos de viagens, anedotas, poemas, autos, leis, cartas e outros. Na maioria das notas de rodapé não há correspondência entre estas e suas indicações, recurso que falseia a própria escritura, intencionalmente traída. É uma herança oswaldiana: reapropriação paródica da tradição cultural e literária.

História do Brasil teve duas edições: a primeira, de 1992, foi lançada pela editora do próprio Nunes – Dubolso/Sabará, em parceria com a Mazza/BH. Já a segunda edição, em 2000, saiu pela editora Altana/SP, ainda que a ficha catalográfica a identifique como primeira edição. A primeira edição apresenta formato maior que a segunda e, embora as capas sejam diferentes, o miolo permaneceu semelhante, com a pequena alteração da inserção de uma vinheta (o desenho de uma aranha) que acompanha os números das páginas.

Com seus verbetes ilustrados, segue as regras da diagramação e possui a sequência da disposição dos elementos constitutivos de um livro. A

publicação apresenta elementos pré-textuais (falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, epígrafe, agradecimentos, sumário), textuais, pós-textuais (bibliografia, fonte das ilustrações). Entretanto, é identificada por Nunes como “enciclopédia”, embora uma compilação de verbetes possa ser qualificada tanto de enciclopédia quanto de dicionário.

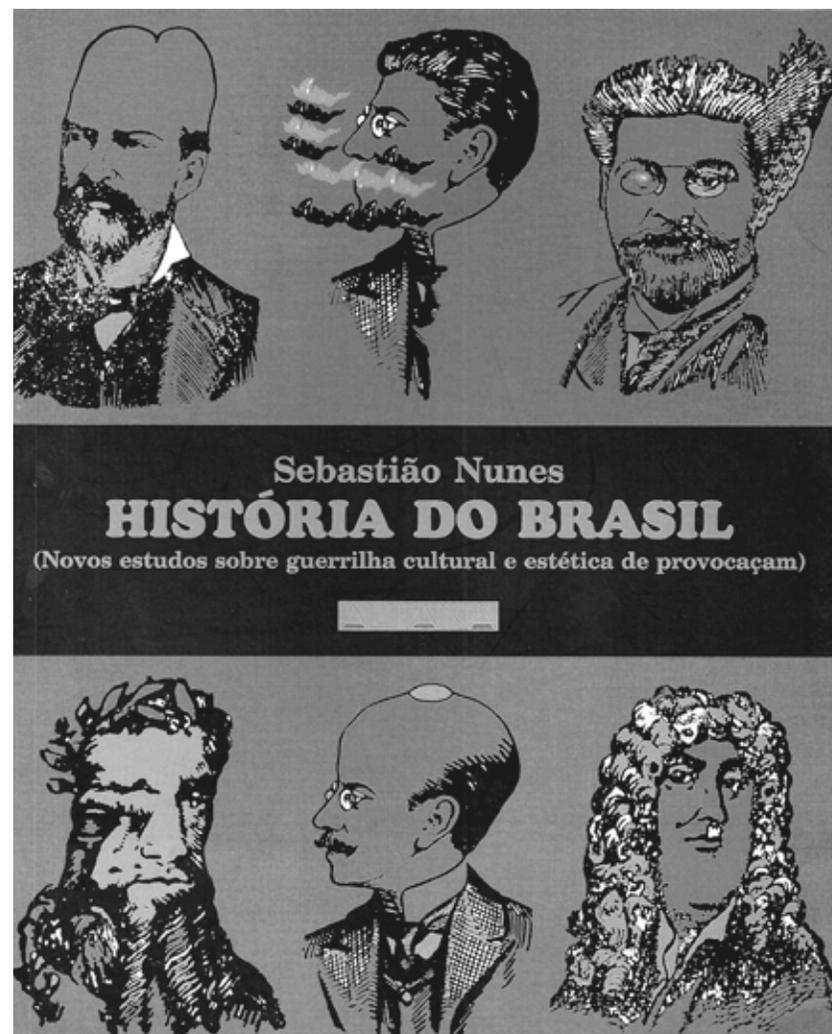
O termo “enciclopédia” é mencionado na segunda edição, de 2000, após a folha de rosto, na “Nota a esta edição”:

DESOCUPADO LEITOR: Como se trata de modesta embora proposital colcha de retalhos estilística (sic) (ou de retalhada colcha de estilos proposital), recomendo que leia este livro como se folheia qualquer enciclopédia: aos saltos e aos bocejos. Assim, escolha ao acaso um verbete e passe-lhe os olhos por cima. Se não gostar, ou lhe parecer enfadonho, fuja dele como o diabo da cruz: é que não presta. Se, ao contrário, gostar, procure outros que se assemelhem e os desfrute, de enfiada ou aos saltos. [...] Aí ficará menos pedante, ainda mais empolado, o pedante objetivo desta empolada História.

A sátira nuniana abarca e traz a desordem de outros gêneros e tipologias textuais: citações, textos anônimos, cartas, comentários, pornografia, leis, excesso de adjetivações, afasias, consonantização, palavras inventadas, onomatopeias, gírias, provérbios, coloquialismos, metáforas, sátiras, heresias, recibos, receitas, repetições, poemas, trovas e piadas. Além das regras editoriais, a disposição ordenada dos verbetes, pelo alfabeto, de caráter explicativo, a obra abrange assuntos específicos da história do Brasil e, dadas as suas características, pode ser consultada aleatoriamente, como se folheia qualquer enciclopédia ou dicionário.

Todas as obras que, de certa forma, agrupam ou classificam, não surgem para abarcar a integralidade dos conhecimentos, e, sim, para redizer o que já foi contemplado ou materializá-lo; para reorganizar poeticamente; para repetir e exaurir as fronteiras das hierarquias impostas pela fragmentação. Marcada pela falta de hierarquia entre os itens textuais, porém dentro das limitações do livro impresso, com sua organização limitada e sequencial, distribuída em cadernos costurados ou colados, tanto o autor (na produção) quanto o leitor (na recepção) podem acessar o texto e são livres para alterá-lo, assim como os usuários do hipertexto e do hiperlink – ambos espaços digitais de fluxo fluido, vertical e horizontal, descontínuo, com infinitas combinações e desdobramentos de janelas de textos eletrônicos.

História do Brasil possui sequencialidade interna e autonomia da leitura dos verbetes e convém ressaltar que as notas de rodapé nunianas promovem um jogo de escolha: os nomes dos autores são sinalizadores gráficos que levam a entender que se trata de citações, coesas ou não com o verbete. Caracterizado e codificado como livro além da aparência visual e da forma em códice com verbetes, não é uma obra que direcione para uma tensão do suporte. As ilustrações e as vinhetas, textos e títulos, capa e miolo ocupam os seus lugares convencionais. Há no texto vários vestígios que indicam a produção da obra literária como livro: “Acabado



Edição de 2000 da História do Brasil, pela Altana, de São Paulo

de socar”; “puros exercícios de linguagem”; “O grande escritor é aquele capaz de criar imagens inesperadas...”; “Escreve-se como se sabe, para atrair o amor dos leitores...”; “Exatamente o que esta infeliz aula histórica não tem”. Essa obra, a princípio, engana o leitor pelas astúcias do *bricoleur* em excesso de recursos como fotomontagens, reproduções de assinaturas e digitais e os jogos com o disforme: enciclopédia ilustrada, gênero sátira e em formato livro comercial.

Há gesto de negatividade, mas não em relação ao objeto livro, e, sim, ao cânone literário e ao sistema editorial. O projeto gráfico é do autor, também como já foi ressaltado. Com seu gesto duplo, cria uma obra literária e gráfica intrincada sobre a história do país e, à primeira visada, o leitor não consegue desvendar todas as artimanhas usadas em sua feitura. As técnicas visuais ou a estratégia compositiva do autor, bem como o texto caótico, na voz do narrador-historiador, misturam-se a partir de recursos como equilíbrio x instabilidade, simetria x assimetria, regularidade x irregularidade, simplicidade x complexidade, unidade x fragmentação, economia x profusão, minimização x exagero, previsibilidade x espontaneidade, sutileza x ousadia, estabilidade x variação, exatidão x distorção, singularidade x justaposição, sequencialidade x acaso e repetição. Todos os recursos citados também foram aplicados nas imagens ou ilustrações que compõem a obra. Dessa maneira, tanto o elemento verbal quanto o imagético são tratados como formas disponíveis para

serem alteradas e mescladas a outras, configuradas para tecer a história do Brasil, por intermédio de um texto escatológico e grotesco.

Os verbetes, em sua maioria, vêm acompanhados por uma ilustração (colagem ou fotomontagem) traduzindo a experimentação gráfica com o gênero retrato, inserção de desenho sem alteração e montagem de fragmentos gerando uma nova imagem. Embora o processo artístico da colagem no texto e nas imagens seja o mesmo, nota-se que, enquanto a intertextualidade provocada pelo excesso de citação flui numa montagem contínua, na qual o texto se entrelaça ou solicita outro, nas imagens, por sua vez, as formas justapostas por pedaços de cabeça, rostos, ou ainda pela inclusão de adornos nas figuras humanas dos retratos, tendem à fragmentação. Ambos os processos são colagens, não obstante apresentarem resultados diferentes.

Torna-se inevitável evocar o jornal *O Pasquim* e seu formato tabloide, que contribuiu para a continuidade do texto, em sequência direta, onde cada página era trabalhada como um objeto inteiro, objetivando atrair o olhar do leitor. Dessa forma, o jornal apresentava uma integração cuidadosa entre a superfície e a matéria publicada, além de usar a estratégia atrativa de trazer, na primeira página, caricaturas, charges e fotografias instigantes. A obra de Sebastião Nunes compartilha desse humor sarcástico e o materializou (códex) em *História do Brasil*, idealizado como objeto-livro (aura) sem a dispersão e efemeridade jornalística, e com verbetes de A a (quase) Z (organização e projeto).

A exploração verbal é um dos recursos na voz do narrador-historiador, que aproveita para brincar com as sonoridades, os anacronismos, os trocadilhos, exagerar nos adjetivos e criar anagramas e novas palavras, como se vê nas expressões que seguem, incluídas no verbete “Machado de Assis”: “Otamos Rávio”, “premiozito de secundo lugar”, “incolores amarecos”, “litterariu”, “culinariu”, “trocadalho ducarilho”, “premerditos”, “nécaras e núncaras”, “poelétrica”, “Ilydison Emkin”, “Emy Dickson”, “lábios circunloquiais”, “amarfahados anárficos”, “vivazes folgazões”, “merdianos merdíocres”.

A colagem visual nuniana – ou jogo ornamentado – gráfico e semântico, de discurso engenhoso (agudeza barroca) e ideologizado, seduz o leitor, mesmo com toda a sua dispersão, em 231 citações. De material literário incomum, há um elo entre o texto e a imagem, que não podem ser separados, exatamente pela função ornamental que cada um empresta ao outro, correferencializados pelo universo grotesco.

O leitor, nem sempre interessado na lógica da integração e responsabilidade autoral, faz seu trabalho de produção de sentidos por meio de outra lógica: enveredando-se pelo excesso de liberdade que recende da narrativa de Sebastião Nunes, constrói sua própria coerência. Nesse contexto, pode-se pensar essa obra como um livro infinito, como toda enciclopédia, em que os verbetes, mesmo terminado na letra “Z”, e com as citações presentes em cada um deles, podem se desdobrar, se forem consideradas as inúmeras possibilidades de novas leituras sugeridas pelo texto-imagem de Nunes. Assim, repetindo/reinventando os gestos vanguardistas, os procedimentos de plasticidade em todos os verbetes, Nunes explora a imagem, que implica intervenção e transferência de

materiais de um contexto para o outro; faz referência à representação, ao dissimular a continuidade ou a linearidade das páginas e do discurso, conduzindo a uma leitura múltipla.

Os choques resultantes, nas montagens, de aproximações de fragmentos heterogêneos e associações incompatíveis, são assegurados pelo contexto da sátira. Além do estranhamento que o autor provoca incessantemente pelas experimentações visuais e textuais, convida para as páginas da sua *História do Brasil* sátiros e autores como Georges Bataille, Gregório de Matos e Bocage, e convida-se, ele mesmo, para testar os limites do literário. Prevaecem em sua composição peculiar as deformações corporais não resultantes do envelhecimento natural, mas da antropomorfização e da personificação, do hibridismo, da monstruosidade e do exagero. O leitor recorre ao seu repertório de imagens, quando se depara com os rostos disformes, com os corpos acéfalos e os seres híbridos, em sua tentativa de recompô-los, reconhecendo o riso e o estranhamento, pois eles provocam e perturbam os sentidos.

Criar uma enciclopédia com colagens (visuais), quase um século após os primeiros grandes movimentos experimentais de fotomontagens nas artes, somada à publicidade e à propaganda que contribuíram com a sua massificação, parece uma proposta esvaziada de sentido. Mas Nunes parece aproveitar-se dessa saturação, encontrando nesse procedimento vitalidade e fonte inesgotável de reelaboração, obtendo resultados inesperados, continuamente atualizados, em que produtor e receptor compartilham a experiência e recontextualizam o já dito.

Com domínio de todas as etapas da criação e edição literária, Nunes conhece tanto o ponto de vista da produção quanto da recepção. Também se mostra ciente de que a colagem pode abarcar diferentes visualidades e modalidades da expressão, dando voz(es) e corpo(s) às suas ideias propositalmente desconexas e caóticas. Na recepção, o olhar do leitor busca sempre o sentido e a harmonia, mesmo quando há desencontros de cor, textura, escala, tema e composição espacial. É que a montagem é sempre finalizada pelo leitor.

Criar uma sátira política em 1992, no Brasil, após a forte referência do humor corrosivo do jornal *O Pasquim*, e em um contexto sem censura, visto que, pelo menos oficialmente, o país retomava as garantias de livre expressão na década anterior, é uma decisão, no mínimo, arriscada, pois a força de denúncia que marca o gênero satírico é, então, insignificante. Mas é que o ethos nuniano é o sarcástico, e, com seu espírito motivador e componente moral, é incansável.

O jogo palimpséstico nuniano é também um jogo antiantropocêntrico e de desmascaramento do poder, e, especificamente, na *História do Brasil*, também há vestígios duchampianos do jogo dialético, ao negar com humor e afirmar pela sátira. Esta é como um espetáculo, na medida em que é jogo, aparência e ilusão da história; nela não há qualquer sentido em seriedade. Como em uma estrutura do drama barroco, ninguém escapa à imanência: na tensão entre o mártir que sofre a história e o tirano que a naturaliza.

A partilha nuniana se dá pela sátira que, de caráter dialógico, revela desentendimentos: denuncia explicitamente os jogos de poder impostos

aos sujeitos, apresenta a história deturpada e um sistema editorial viado de artimanhas. O *work in progress* de Sebastião Nunes fica entendido, portanto, como dispositivo a serviço da “não-alienação”, ou como “manual de guerrilheiro”, instrumento de poder e de mediação entre os homens, na medida em que ataca as estruturas de controle e descentraliza a hegemonia da ideologia burguesa.

Tendo a obra nuniana como escrita política, de caráter circulatório (mobilidade) e efetividade sensível da palavra, que deslegitima o poder e está oferecida à identificação do público, pode-se tomá-la como dispositivo a serviço da democracia – movimento próprio dos corpos comunitários, capaz de sensibilizar e incluir novos sujeitos pela sua flexibilidade múltipla da fusão da imagem e da letra e vice-versa, pela zombaria fragmentada capaz de recuperar sentidos, misturando linguagens e ampliando a apreensão. Isso não quer dizer que toda obra que faça a fusão de duas ou mais categorias estéticas teria potencial politizante. É que, no caso de *História do Brasil*, Nunes constrói uma nova narrativa e elabora estruturas inteligíveis com sua constituição estética de um “agir guerrilheiro”, na medida em que potencializa o próprio pensamento, reorganiza a partilha do sensível e evoca novos sentidos. A forma nuniana de partilhar e também, quem sabe, de “doutrinar” novos sujeitos, é um devir minoritário. É na sátira que poderia acontecer a mediação desse devir, pois a sátira não reorganiza a “partilha do sensível” (conforme Rancière), mas denuncia a ausência de igualdade. A obra guerrilheira sabota o sistema (sem causar estragos) e ocupa um lugar como prática subversiva de linguagem poética dentro do sistema literário, pois nessa obra estão contidos: a mobilidade tática (sátira com sua vitalidade indestrutível – cosmovisão carnavalesca), o conhecimento superior do terreno (domínio do sistema literário e da história) e o adequado poder de ataque (domínio do dizível e do visível).

A obra atrai o leitor, primeiramente, pela imagem, e é na primazia icônica que também se dá a tática nuniana. É como se a figuração fosse mais atraente que a iconicidade das letras e frases, e o autor, como

ex-publicitário e *designer* gráfico, reconhecesse e explorasse isso na escolha pelas capitulares, tipologia das fontes usadas nos textos, e imagens, muitas imagens – a despeito do risco de banalização pela proliferação imagética e com a visão benjaminiana que a reprodução rompe com a sacralidade. Ele se interessa pelo ordinário, pela compilação, pelos fragmentos e sua montagem, e não pelo *punctum* barthesiano, que erotiza a imagem. Enquanto a câmera registra e não pode mentir, é na montagem que o logro acontece, e é nesse lugar que se dá a guerrilha nuniana.

Nunes poetiza com informação, saturação, ornamento, sarcasmo e sacanagem, deslocando o sentido do discurso do dominante e da barbárie pelo riso excessivo frente à realidade. De certa forma, tudo isso é o seu *trompe-l'oeil*, porque a obra não é uma confusão com o real; trata-se de um simulacro em plena consciência do jogo e do artifício – porque instaura não uma verdade, mas a dúvida sobre a realidade contada e recontada durante séculos pelos dominantes. *História do Brasil* é um despreendimento da versão da história através do riso provocado e provocador. Enquanto Nunes pratica sua tática de mobilizar por meio de sua partilha do sensível, usa da sua astúcia e sedução (pela criatividade, choque, estranhamento, domínio da visualidade e riso), para seu grande projeto: revelar a verdadeira história do Brasil, mas visando além do nível estético, ou seja, a tomada de consciência – o político, embora já se tenha confirmado que o seu poder é muito maior como tática e astúcia, e não como estratégia.

Apesar da obra ilustrada servir a uma perspectiva ideológica, ela não se enquadra em qualquer sistema hierárquico. É um dispositivo a serviço da “não-alienação” e é uma maneira de transformação e percepção daquilo que é fixo e imutável e, por isso, aproxima-se de um manual de guerrilheiro, que sabota as estruturas de controle – sátira escondida atrás de enciclopédia, de vitalidade indestrutível que ataca e destitui a todos, e é especialmente eficaz quando se põe em ação em um terreno das desigualdades, no qual não há partilha.

Referências bibliográficas:

- MACIEIRA, Cássia. Sobre colagens visuais: História do Brasil, de Sebastião Nunes. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MARQUES, Fabrício. Guerrilha mamaluca: um estudo da poesia de Sebastião Nunes a partir da articulação entre poesia e técnica. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- NUNES, Sebastião. História do Brasil: (Novos estudos sobre guerrilha cultural e estética de provocação). Sabará: Dubolso; Mazza, 1992.
- NUNES, Sebastião. História do Brasil: (Novos estudos sobre guerrilha cultural e estética de provocação). São Paulo: Altana, 2000.

CÁSSIA MACIEIRA

é professora na UEMG. Doutou-se no Departamento de Literatura e outros estudos semióticos na UFMG, em 2014, com a sátira política “Sobre Colagens visuais: História do Brasil, de Sebastião Nunes”. Bacharel em Gravura, Cinema de Animação e Licenciada em Letras.

SEBASTUNES

E A PÁGINA-CLIP DA POESIA

PAULINHO ASSUNÇÃO

Dsse Sebastião Nunes. Ou Bastião Num, forma autocorrosiva com a qual assina o texto introdutório de sua *Antologia mamaluca*, reunião de quase tudo quanto publicou (“folhetos, cartazes, envelopes recheados de papéis de todas as formas, e até livros parecidos com livros”) desde 1968, e que ele lança agora pela sua – dele, Sebastião – Edições Dubolso. Aliás, a *Mamaluca* cai na vida junto com outro lançamento, a reedição que o próprio Nunes faz daquele não menos desbocado *O elixir do pajé*, de Bernardo Guimarães, essa *suma escathologica* tropical. Quem comprar um, leva o outro na bagagem, de graça.

Poeta macunaímico mais que Macunaíma, descomportado como o diabo gosta, publicitário que fez a catilinária mais violenta da propaganda brasileira com o livro (antilivro) *Somos todos assassinos*, lançador de ambiguidades no discurso à *côtê*, desfrequentador de rodas e igrejinhas (“eu nunca fiz parte de nenhum movimento”), o mineiro Sebastião Nunes é uma usina de desafinar. Dois pontos. Corais contentes. Fez Direito e sempre exerceu o *gauche*.

“O primeiro poema que escrevi foi em 1967”, diz ele. Deste poema, já canibalizando o potencial visual da propaganda (“os quadrinhos, as fotos, a ilustração”), Nunes disparou o seu livro de estreia, *Última carta da América*, no ano seguinte. Desdevedor de editor, como até hoje. Mas com duas tentativas, é bom que se aclare. Uma, junto à *Civilização Brasileira*, recebendo o “não” de praxe. Outra, junto à *Brasiliense*: além do “não”, “recebi do Caio Graco um envelope cheio de panfletos sobre as diretas-já”. Recusado pelas outras, ficou com a sua, a Dubolso, onde rege múltiplos instrumentos.

Aí é que está. Na poesia de Sebastião Nunes, desenho e texto, o iconográfico e a palavra não se separam. Antes, contaminam-se, cinéticos, na página-clip. Só raramente o texto vem só-texto, assim mesmo injetado, por exemplo, por uma capitular desmedida, ornamental, onde o poeta faz penetrar ou roçar uma epígrafe.

É o caso, por exemplo, do poema inédito da *Antologia Mamaluca*, “Canção para Dolores Duran”, no qual o “F” inicial do primeiro verso acolhe uma citação mais do que obscura de Carlos Drummond de Andrade, justamente sobre a “Fatalidade”.

A mediania feliz, ou dourada, esse *chantilly* cremoso que substitui a inteligência na vida brasileira (“este é um país do banal”), eis aí o alvo gostosamente predileto desse Sebastião. E *Aurea mediocritas* é o título do segundo volume da *Antologia Mamaluca*, ainda sem data para lançamento. Não poupar a ninguém, eis a especialidade desse satírico e sátiro afiadíssimo em plena era do padrão por baixo, da mediania dos brejais.

“A poesia mais difícil de fazer é a satírica”, diz Nunes, lançando algumas pedras de toque para uma (sua) estética, embora diante desse termo de abotoaduras já se possa prever o que Nunes oporia, uma “Ode à pústula”, por exemplo, com todos os excessos de acentos graves: “Ante tu, ó pústula/ com tua geleia amanteigada de pus...”

Escatológico? Nem importa. “A essência da poesia é política”, afirma. Uma política ao revés, diga-se, “porque a poesia deve ser comprometida com a inteligência”. E essencialmente demolidora. Não é à toa que o poeta vem escrevendo uma *História do Brasil*, dicionário enciclopédico. Algo como um *Bouvard et Pécuchet*: a compilação flaubertiana e mamaluca da estupidez humana, tal como é exercida em terras tupiniquins.

Nota explicativa

Em agosto de 1987, meu saudoso e fraterno amigo José Maria Cançado, que editava o jornal *Leia*, em São Paulo, ligou para os altos da Rua Montes Claros, no bairro Anchieta, Belo Horizonte. Motivos: conversar, tratar dos assuntos os mais enviesados da literatura, rir com aquilo que era de rir, indignar-se com aquilo que era para se indignar. E também: ir a Sabará entrevistar o poeta Sebastião Nunes. Eu fui. E escrevi o texto acima, depois de uma tarde-noite de cerveja, alguma cachacinha e anotações taquigráficas (e telegráficas) do que ia dizendo o poeta. O texto foi publicado naquele mesmo ano.

PAULINHO ASSUNÇÃO

mineiro de São Gotardo, é escritor e desjornalista.

(DES)ENCÔMIOS A SEBASTIÃO NUNES

JOÃO PAULO GONÇALVES

Antes de começar o poema
previno o final: não peça
pano rápido: Está rasgado e
falta agulha linha dedal.

Bustos e estátuas com ou sem cavalo
espada espetando o vazio servem
a demasias de passarinhos. Não
aprisionam no tempo o poeta marginal.

Sebastião Nunes refratário a homenagens
com ou sem palavras jamais se petri-
ficará nos jardins de Cataguases Sabará.

Tião Nunes não tropeça no brilho
dos trilhos. Prefere a convivência dos ganidos
dos cachorros – depois da meia-noite.

O sol aparece nas falhas da cortina e
o poeta marginal cuida das galinhas
perdido entre asas bicos asas perdido
nos largos do amanhecer.



Família Nunes reunida em Bocaiuva, anos 50: atrás, Sebastião e seus pais, Geralda e Levi. Na frente, os irmãos Aloísio, Wandir, Antônio Augusto e Etelvino.

(DES)ENCONTROS COM O POETA DE TRUZ

DRUMMOND AMORIM

Quase oitenta anos depois, me arriscando à rejeição e fuzilamento, haveria de recordar o dia em que o futuro poeta me levou a duvidar da pureza dos homens com seus corações de gelo, seus ardis e ideias assassinas. Porque houve o tempo em que até o bom Tião de Levi ameaçou dizimar inocentes – que ninguém se assuste, comum pirralho interiorano pendurar estilingue no pescoço e promover chacinas – e, portanto, ele nunca foi santo como se imagina, até porque está difícil encontrar santos hoje em dia – ninguém escapa a uma fiscalização benfeita. Tião, não sendo santo e mesmo conhecendo o valor da ambivalência – ai do tatu de um só buraco – mantém, na poesia e na vida, propósitos bem definidos de eterno combatente, revoltado diante das mazelas de cunho social a que vem tecendo demolidora crítica no que chama de guerrilha cultural e estética de provocação. Aqui, flagrantes de uma vida simples – o poeta no trivial. Tião à paisana, digamos.

1. Duvido que a velha gameleira, resistente nos meus pesadelos, vá se esquecer de cena de que, há quase um século, ou seja, ainda outro dia, fui partícipe envergonhado quando, por minha conta e algum risco, fiscalizava mais uma caçada de passarinhos aboletado em galho exclusivo de onde fui enxotado feito cão vadio ou poeta da republiqueta de Platão. Seguinte. Meninos malinos, “fedelhos do fogão encerado”, cada qual no seu cada qual, ou seja, cada macaco no seu galho, se equilibravam mal-intencionados em tempo de despencar lá de riba, o que seria ótimo e até bem feito para eles, quando. Calma, você aqui não passa de personagem secundário, reles caroneiro que não vai se meter a besta tomando o lugar do assaz louvado e outrora consagrado “poeta de truz” pelo bravo “O Debate – o jornal que não tem medo da verdade”.

Lá na grimpá, no meio da turminha levada da breca (havia disso, e o termo “moleque” puxava cunho pejorativo), estava ele, dos verdes anos colhendo o doce fruto – naquele engano doce e cego não mais da linda galega Inês, a que depois de morta foi rainha, mas das avezinhas barulhentas ávidas das frutinhas doces, logo elas, alvo fácil de assassinos-mirins –, quando o vi armando o golpe, o que me acendeu mais o alerta. Semioculto na folhagem, ansioso e de arma a postos, ele aguardava a revoada das maritacas que, enchendo os ares na algazarra costumeira, ocupariam por direito natural seus lugares de honra – quem, feito os diadorins e riobaldos da vida, andou por aquelas bandas, depois tomadas por imensas florestas de eucalipto, sabe de que falo. Mas, ia dizendo, encarapitado em galha próxima à dele, meninos, eu vi. Tendo o bando pousado e se espalhando inquieto pela copa, vi quando o caçador solitário sacou do embornal a tiracolo a pedrinha arredondada e escolheu a vítima da vez. Ajeitou o cálculo no couro, espichou as tiras recortadas de algum pneu sobrando de bicicleta escangalhada e, no rumo do periquito, apontou a decerto mais perfeita forquilha colhida na goiabeira do seu quintal. Foi aí que, do meu posto de observação, me brotaram antecipados brios ecológicos – questão de justiça e, se ninguém é perfeito, muito menos eu, além de tudo dado ao palavrório desatado e não raro desconexo (caramba, pensar que Hemingway recomendou não sair da história nem que a vaca tussa!). Sei que, na catástrofe iminente, não me segurei e, feito herói das matinês de domingo, disparei o brado dito retumbante:

– Fogo!

O fedelho que fui bodocava exclamação, que partiu aguda e seca feito grito de gavião-carcará, gavião-de-penacho ou tiro de jagunço, para acertar, antes do estrago previsto, os brios do priquitim verde, que faltou morrer, mas amarelo de susto: não ia ser besta de aparar licença poética no peito varonil, tendo rearmado revoo no destravancar as asas e mirar a liberdade dos matos, para quê? O menino empatorador de moda, digamos, viu saltar fogo das ventas do poeta. Viu chifres crescendo na testa coroável do poeta, fungou enxofre no ar, viu fenderem os pés do poeta e repontar nele rabo de ponta de flecha:

– Fiedaputa, feladamãe duma figa – declamou abundante e redundante o poeta de truz, vai ver arrependido de dilapidar o vocabulário rico para refrear quem lhe cortava o ímpeto de caçador implacável. – Perdão, amigão, não leve a mal, escorregou. Juro por essa luz que me alumia, não era intenção ofender.

Quanta humildade, a de quem nem cara de anjo tinha. Ainda bem que não tocou nos dedos róseos da aurora, não precisou apelar. Mas convenceu, evitando que o mandasse “caçar uma cinza”, dos piores xingamentos do meu estoque, por quê? Porque fabricado de cinza era o sabão caseiro, e mandar caçar uma cinza era o mesmo que mandar tomar banho. Entendi que Bastião chutava a canela e assoprava, baixei a cabeça quase conformado, enfiei o rabo no meio das pernas e ensaiei ligeira pausa para meditação. Ora, Tião não tinha de se desculpar. Nada de chorar pela pedra desviada. Ele não tinha de se desculpar por incidente à toa, detalhe desprezível num dia de vagabundagem nossa e pronto. Só um instante nos tais altos e baixos, momento infeliz mais baixo do que alto e ponto. E, no que o menino escorregou tronco abaixo, apavorado e meio ralando a bunda por espantar a caça do poeta, ouviu dele, ainda empoleirado e fulo, a palavra alívio, quê? Não seria alívio, paroxítona? Perguntaria para dona Maroquinhas, mestra do primeiro ano e que encerraria a questão. Se paroxítona ou não, se o acento vinha no primeiro ou segundo i, para ter certeza só conhecendo as palavras. Feito os poetas, que, feito as multidões de insetos de que eles próprios falavam, eram declamados aos montes no pátio do primário por delicadas meninotas de longas, puxáveis tranças, saias azuis plissadas e blusas brancas levando iniciais, glória e pecados da nossa escola.

2. Agora os poetas não eram mais aqueles – que fazer com eles? – e trepavam em macróbias gameleiras, coisa mais feia para um vate magrelo, reles micróbio pouco mais erado que eu. Ele que, feito ave de arribação, das que vêm e que vão, armava voo para bem longe, para o infinito talvez, mas nem tanto. Iria sofrer na capital, onde, diziam, era tudo mais difícil e caro. Partiria, dava a hora de partir. Largando para lá a calça pega-frango, talvez de fato arrependido de fulminar maritacas, iria se civilizar e seria educado e gentil, cavalheiro de alegre figura como toda a gente bonita, elegante e fina da cidade grande. Fácil para ele, que conhecia as palavras e saberia como sobreviver por lá, mesmo com cara e jeito de mocorongo ou retirante troncho. Mas sabido.

3. Sabido e prosa feito Sô Henrique, que, para quem desce na direção da igreja matriz, morava nos começos da Rua de Baixo, sendo, pois, vizinho de Nicuta, de Seu Lu e da Pensão de Bilu. Ex-prefeito, ex-dono da

padaria, ex-dono do cinema, ex-comerciante e ex-tudo, o ex-Sô Henrique tinha mais que cuidar da família também sob o olhar de Dona Maria de Seu Rodrigo, de maternal zelo onde todos sabiam da vida de todos – curta a distância entre as casas e, portanto, dos moradores entre si. E, quando correu a notícia de que Sô Henrique e trupe iriam buscar recursos fora, bateu tristeza não só na rua, mas no lugarejo todo. Uma pena até porque, partindo, levava com ele o dicionário danado de gordo que a meninada da rua pedia emprestado, morrendo de rir. Ele cedia lampeiro, com toda a boa vontade, recomendando cuidado e não mais surpreso com aquela sede sem fim de aprendizado, pois sim. Acontece que o livrão gorducho continha todas as palavras, todas, até as mais cabeludas. Ora, sem o calhamaço restavam de sabidos na terrinha, além das professoras idealistas do Grupo Escolar Coronel Fulgêncio, o adiantado aluno Tone de Anísia, futuro editor do jornalzinho Sputnik e já se preparando para, um dia, esmiuçar *O Velho e o Mar* onde nadaria tão à vontade quanto falava de música, quem mais? Além desses, um ou outro sabido reconhecido como tal. Como o precoce Tião de Levi, decidido a partir para a capital após ligeiro estágio na vizinha Montes Claros, após lecionar não poesia, mas geografia, no que o ginásio recém-fundado começava a funcionar sem professores suficientes, tendo de usar a tal prata da casa. A meninada correspondia e, polida, brilharia muito mais.

4. Houve o tempo em que o vilarejo viveu fase especial, de ouro, como discursou o prefeito com tanto episódio insólito e encarrilado, não por esforço de quem fosse e sim por milagre do padroeiro, quando o povo pareceu até feliz. Ainda mais quando, espichado o tempo, brilhasse lá fora a filharada de Seu Henrique e Dona Maria – Betim, Henfil, Chiquim, de meninos-homens, de meninas-mulheres Maria Cândida, Zilah, Glorinha, Filó e Wanda – cada qual mais batuta no seu mister a ponto de o lugarejo se convencer de que a capital é que dava mesmo futuro. Assim pensava também Seu Levi, dado às pescarias e proprietário de pequena loja na rua Dom Pedro II, subida ou descida a depender de quem vinha ou ia, conforme explicava divertido. Pescador de mão-cheia, vai ver sonhava com peixe grande que viesse morder a isca do seu anzol, dos que vendia junto com as linhas e varas de bambu e vime escolhidas de acordo com o pedido e o peixe visado. Mas isso para o freguês, não para ele mesmo, que não podia se dar ao luxo da ociosidade. E então era o freguês dizer que acessório desejava, que ele, se erguendo do banquinho de madeira, tripé furado colado ao balcão e onde costumava meditar na vida, ia atender, no fundo preferindo uma beira de rio, melhor que mofar dia todo no meio de utilidades domésticas e material de pesca, embora fosse o ambiente acolhedor, menos à entrada. É que, na tabuleta afixada na parede, quem chegava ia soletrando o aviso desengraçado: “Fiado só amanhã” – valendo para o dia, para amanhã, para depois de amanhã e. Desentendendo o exato significado do recado, desconfiado de que não devia ser coisa boa, eu me intrigava a ponto de gaguejar no pedir logo o papel de seda para meus papagaios, não, não havia pipas, mas surecos, araras, rabiolas de corrente multicolor. Tião já era amigo e, no que perguntei por ele certa vez, a mãe, dona Geralda, que se desocupava das tarefas lá no quintalão, fez questão de lembrar ainda que, dia desses, haveria de chegar glorioso o

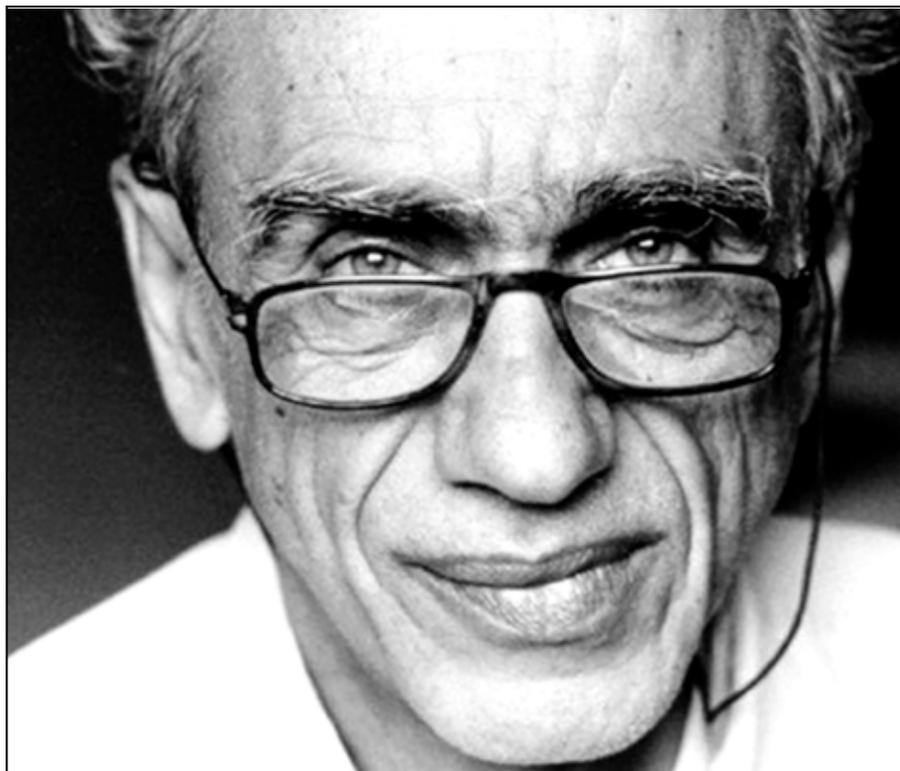
Grande Circo, Parque e Teatro Biriba, com os maiores artistas do mundo, prestasse atenção ao foguetório antecedendo o palhaço ao megafone, falando abobrinhas no alto das pernas de pau. Emendando ideias, lembrei que, chegando o Natal, a gente ia ganhar bolinhas de gude, até com carambola dentro e, para os rachas no Largo de Sinval, bolas novas de meia, de borracha, de capota. E pião, piorra, ioiô, bilboquê. Mas como Papai Noel costumava perder o rumo das casas, haveria quem se contentasse com boizinhos de mamão – ou buchas, daquelas penduradas nas cercas. Mas enfim chovia e, de novo, a gente se lembraria de jogar finca e de fazer barquinhos de jornal dobrado e que se desmanchariam nas enxurradas barrentas. E também que, brincando de pegador, ninguém pegava. E que, começo de noite, munidos de tições acesos invadiríamos os matos atrás dos vaga-lumes doidos riscando a escuridão – Deus do céu, tanta geringonça, tanta ideia de animar pobreza. Como os banhos nos córregos, lagoas e tanques imundos, todo mundo pelado. Mas havia luxo. Como trocar revistinhas e figurinhas disputadas no tapão, as mãos cuspidas para a estampa grudar e cair virada para cima – coisa mais feia, vai ver aprendida com Pedro Malasartes. Precisão e esperteza criavam jogos e logros, e brinquedo virava arma na perseguição a bichinhos que, inocentes ou não, ô, dó, acabavam nas painelas.

5. Fantasmas vagavam nas ruelas onde pouco acontecia – certo Juan Rulfo passou por lá, só pode. Ou talvez não. Mas é claro que, feito cometa, lá vinha de novo quem, interessado no bem comum, sacando comoventes propósitos de, sem interesses pessoais, ajudar o povo, decepçionaria mais uma vez, eis que, passada a eleição, dava no pé largando os bocós chupando os dedos e com caras de tacho. Até o dia em que a pacatez do lugar foi balançada de verdade pelos céus acima porque, aí, sim, o povaréu, tão medroso como deliciado, pôde assistir, através de vidros enfumaçados, ao “sol brigando com a lua”, fenômeno que confundiria até os bichos de Deus, violentados em seus horários habituais. Espetáculo único, não ocorreu só para inglês ver, nada disso, mas também para americano falando enrolado e para o mundo todo: fora o ponto mais visível na Terra. Por isso o desolado lugarejo se encheu de gringos com suas máquinas estranhas bem antes do dia marcado para o maiúsculo Eclipse Total do Sol, que por três minutos escureceu o mundo numa manhã de maio. Ora, o fenômeno tinha de ser aviso dos astros, sinal de anteceder prodígio, é claro. Pois Tião, esperto e sabido, antecipara o milagre, quem podia com o menino de ascensão fulgurante. Mas nem por isso, que ninguém é santo, ninguém é mesmo perfeito. Magrelo e altão, portava pernas de seriema não para que te quero, nem para mais nada, que Deus Nosso Senhor sabe o que faz, disseram, quando divide as prendas que concede. E ao jovem mancebo concedeu, por exemplo, o dom de suportar engraçadinhos no que um dia se chamaria bullying. Mas nunca o livrou da exagerada fidelidade às origens e marcas de família, tendo permanecido careca – feito bola de bilhar, também disseram – e seria assim eternizado na foto em que, ao lado de amigos chegados, se exibiu para a posteridade, sem pejo e feliz, vai ver por motivo de doses a mais – há cópia. Num lançamento de livro, com o pessoal tomando o vinho horroroso de sempre, posando feito num time de futebol e agachado na ala de frente, ele equilibrava



uma garrafa de pinga no lugar da bola, logo ele que despontava como dos maiores cabeças de bagre de nossa Macondo. Ora, carequite nunca foi defeito senão característica, marca atávica, sei do que falo e melhor mesmo é ajeitar esta fala antes que aconteça o pior: por muito menos outro profeta, o calvo e bíblico Eliseu, trucidou sem piedade um bando de moleques atrevidos. Mas, ia dizendo, alguém aqui conhece poeta bom de bola? Então. Também, Luizinho e Etelvino tinham açambarcado as qualidades de craques na casa, é, os dois irmãos tinham esgotado o entreposto de talento para correr atrás de bola. Tanto que Antônio Augusto, “ovelha branca da família” segundo Tião, deu em nada na prática do que envolvesse esforço físico, e Wandir, bom de pescaria e de armar varas, não fedia nem cheirava quando, lá detrás do hospital, cansou de derrapar o traseiro no piso do campinho só pedregulho e areia fervente. Era um descampado horroroso, com subida e descida para matar o abnegado que insistisse em ralar mais no cascalho os joelhos esfolados para ninguém botar defeito. E sem discriminação, contemplando tanto craques como pernas-de-pau, e aqui volta à cena ou entra em campo Tião. Detentor do histórico privilégio de primogenitura, curumim paparicado desde

a rua Dom Pedro (artéria importante por fazer esquina com o Beco de Rola, de grata memória), Tião, sem ser nenhum craque, mas sabido como era, foi quem deu nome ao glorioso Juventus, famoso até em Dolabela, Granjas Reunidas, Sentinela, Olhos d’Água, Terra Branca, Santa Clara, Navarro e Mil e Trinta. Além de Montes Claros, claro, para onde andou exportando alguns de seus maiores craques – de contrapeso e por pouco tempo o estudante Tião – talvez valha a pena estender o assunto pela relevância, pelo que significou o colorado Juventus no futebol brasileiro pré-Alemanha 7x1, vamos lá. Fundado pelo dito “Presidente”, nasceu homônimo do congênere paulista, aquele surripador de nomes e que só por acaso nasceu primeiro. Tião dizia torcer pelo Juventus, não o de Turim, mas de São Paulo, a “locomotiva”. Ora, embora impávido colosso, o Juventus paulista pouco tinha a ver com o lugarejo mineiro onde o povo, nas tardes de domingo, costumava ouvir ruídos tenebrosos nuns caixotões caindo aos pedaços, só suportáveis por artes de locutores mais milagrosos que criativos, compensando o creque-creque violador do silêncio com o emprego de artifícios no uso dos melhores recursos vocais. Ponto alto aí os escandalosos gritos de gol, só ouvidos em salas de parto



Os filhos de Seu Henrique e de Dona Maria: Betinho, Chico Mário e Henfil

e. O rádio nem transmitia jogos, mas cotejos e pelejas do Rio, distante e gorda galinha do vizinho. Assim, a torcida local se dividia entre Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Bangu e América – só mesmo rebeldes e pobres de espírito para escolher a outra meia dúzia de timecos do campeonato carioca, quando, pela lógica e bom-senso, tinha de ser todo mundo vascaíno – a Seleção era o Vasco. Então, raros os fãs de São Paulo, e nos times mineiros poucos botavam fé. Bom, Tião foi quem deu nome ao Juventus, pouco antes de partir, de soverter. Arrumava a tralha e raiou o dia. Para desmamar de vez, vestiu o guarda-pó encardido, pré-imundície usada por mode a infernal fumaceira despejada pela bocarra da maria-fumaça, agora a do café-com-pão-manteiga-não. Amoitou como pôde a marmitta de galinha com farofa para não ter que dividir comida com quem não levava nada – não levou porque não quis. Aí, se acomodou no banco duro feito sei lá quê e, balançando o esqueleto por treze horas seguidas, agravadas por uma tal baldeação, lá foi ele ser outro gauche na vida. Não, Tião não era nenhum extraterrestre, fruto do eclipse para as más-línguas – todas. Mas daria o que falar.

6. Partiu enfim a jovem promessa, deixando na estação ferroviária o pessoal se despedindo entre aliviado e choroso, algo assim feito num velório ou como se o sortudo partisse para a guerra (não estavam errados). E aí, sim, lá se foi o herói enfim liberado e banhado em lágrimas, como decerto entreouviu na plataforma já com o trem saindo, e logo se saberia por que o viajante levava razão no choro de bebê. A vida na capital era difícil e cara, sim senhor, e não por falta de aviso. Mas herói, que é herói, enfrenta com garbo os obstáculos, os empecilhos da vida, desses que deixam a desgraçada vítima sem pai e sem mãe. Era o caso. Foi morar com parentes, quando, deitando na cama, ampliou a fama e ganhou o apelido

de Tião Profeta, quê? É que adivinhava, além de data de eclipses, os dias de chuva, conforme apurou nossa reportagem, câmbio. Desta parte, estudando em São Paulo, sem condição de perseguir poetas em trânsito, de longe e fuçando, saudoso, notícias do Sertão, eu soube que a trajetória do amigo acelerava na capital: ele morava agora no centro e ninguém ia segurar a fera, ainda rodando feito pião, isso por pouco tempo. Como o Sertão, dito do tamanho do mundo, não tinha saído dele (já se dizia) e reclamava atenção no lombo da saudade, nas férias voltou para arrotar vantagens aos caros conterrâneos, que aliás morriam de inveja.

7. Enfiado numa sotaina branca, morrendo de tédio em prédio de estilo gótico, soturno e estrambótico, de corredores compridos, com direito a latinório, filosofia, canto gregoriano e tudo mais (memento Umberto Eco), o amigo do Tião convivia com monges de ideias medievais, não na fase de elefante, a de voltar para morrer, nada disso: queria viver, mesmo sendo muito perigoso viver. Batia banzo do Sertão e voltei, desautorizado a incensar, beatificar ou canonizar, isso não aprendi no mosteiro – mesmo carregando o peso dos votos de pobreza, castidade e obediência – para azar de Tião (nada poupado). Na terrinha arrumei emprego, arrebanhei amigos nas férias de fim de ano e mantive velhas amizades como a de Tião e Paulo Souto. Nas noites, antes de as luzes piscarem – para saber se a luz está acesa, há que acender um fosco, também diziam – sem muito o que fazer e para não virar lobisomens três patetas rodeavam em footing o largo principal, a arborizada Praça do Jardim. Em torno da recente e depois saudosa fonte luminosa, acesa ou apagada, discutiam literatura e vida, para se acomodar esbodegados sob os fícus empesteados de bichinhos imprestáveis com nomes de políticos, tanto que derrubaram árvores e bancos (“derrubaram os bancos do jardim” – Tião escreveria de

Belo Horizonte – “só não tenho que derrubar os bancos de minha imaginação”). Noite adentro, com sorte ouviriam serestas sob um céu cheio de estrelas – noites brancas não eram exclusivas de Itabira, nem era hábito atirar na amada, obrigada por força da tradição a ouvir juras e lamúrias – segundo a crítica mais ranzinza, lamentos lúgubres como de gatos miando em rimas sob a janela de graciosa, sonâmbula donzela, cabendo protesto ao zeloso pai da vestal (caso houvesse – protesto, claro), mais para cão que para anjo da guarda e que, vampiro ressurgindo das sombras, já vinha munido do famoso balde de água fervente (Catatau, que não cantava bulhufas e só entrava para carregar o litro, deve se lembrar).

8. Precisava ver os três patetas, cada qual mais compenetrado e de óculos, intelectuais que eram. Precisava ver o trio sertanejo fingindo sofisticação ao falar de livros e autores, Deus do céu, quanta erudição desperdiçada com as corujas. Lembro de Paulo Souto, que só não foi deputado porque haveria de morrer cedo, comentando Fome, de Knut Hamsun. E do Tião me emprestando, de Clarice Lispector, um volume de contos que achei danado de complicado, claro que era eu o mais xucro dos três amigos, mesmo interessado no sofisticado Kafka, outra oferta do Tião, devorador não só do tcheco da barata mágica, mas de toda uma montanha de livros. Aquilo era diferente de futebol, e no campo da literatura, agora sim, Tião era o máximo, um papa no assunto e que, infalível nos sentidos figurado e próprio, esgotava os debates com prazer e propriedade. Para nós, assim corria a vida – a contento, redigamos. Mas não há bem que sempre dure, não sou eu quem diz. E a vida atacou de frente e de com força, machucando fundo um coração vagabundo, o dele: soava a hora fatal de doce sofrimento, a terrível fase do primeiro amor. Tempo de deslumbramento, magia, esperança, ternura, desespero, juras, decepções, uivos, risos, lágrimas, promessas, adeuses, mágoas e tudo mais (até fiz um livro sobre esse distúrbio físico e psíquico), daí o questionamento, a pergunta irrespondível até para filósofos graduados: por que ela e não outra? Daí o doloroso apelo ao infinito: Deus, por que eu e não outro? Seria atacado de primeiro amor quem saía da rizófora gameleira e de quem, vida afora, botecos adentro, eu seria amigo de rizóforas literaturas. Amigo de quem receberia, em casa e em dia sombrio, esquisito minicaixão funerário atulhado de poemas (ainda bem) – claro, outra aprontação do provocador, demolidor, iconoclasta Tião de Levi, que, leão do Cerrado, logo veria a avó pela greta, como? Esperasse só. Pagaria caro por malfeitos passados e futuros – ninguém mandou ameaçar sonhins e priquitins de gameleira.

9. Corre por aí que aqui se faz, aqui se paga. Deslumbrado, Tião farejou na rua torta, dita Direita porque levava à igreja, moçoila para ele interessante, do tipo comportado, quem? Ninguém, por ora, porque em lugarejo tão miúdo a donzela conseguiu desaparecer de todo como se isso fosse possível, quem entende mulher? Sumiu a sumida, a Albertina Desaparecida de Proust, Laura de Petrarca, Beatriz de Dante, Marília, de Dirceu? E não se fazia de difícil a donzela, ela era difícil, feito toda mulher, que, no final das contas, é quem manda, desmanda e comanda nos embates a dois, mesmo que não pareça, já que, com alguma razão reclama dos apalermados machistas. Sobrava para Tião, que desesperado

saiu em busca da musa extraviada ou virgem ensimesmada (título do primeiro livro dele). Mas sem êxito, tendo retornado ao obrigatório, duro batente de estudante duríssimo, zanzando à margem das delícias da capital para onde voltou das férias, o coração destroçado, a paixão galopante galopando cruel na sensibilidade extra de apaixonado, disposto a correr risco à sombra da mocinha em flor, mas. O criminoso etc. No que Tião, nas férias seguintes, voltou ao local do crime – amigo é pressas horas – resolvi dar a mão ao irmão sofredor, virei vela e saímos casa em casa com desculpa de pedir água, o que nunca foi novidade onde a gente costumava bater palmas às portas e, em pânico, pedir um copo d’água antes de cair duro, estatelado no chão pelando (até ontem, ninguém lá negava água). Foi quando faltamos arrebetar de beber água – tudo pela causa. Final provisório: reencontrou a sumida, casou com ela (até o dia em que um cisne nunca mais nadasse ao lado de outro cisne – poetara Júlio Salusse), e o caso suscitaria filosofices do tipo: quão maravilhosa a vida, essa incrível sucessão de mistérios, acasos, coincidências e lugares-comuns – the end. Ou quase.

10. Com sensibilidade, desinteresse e estranhamento, o poeta se formou em Direito, sem nunca ter ido buscar o diploma, para quê? Não era a praia dele. Aí, se enturmou com uns publicitários, tendo se encambiado ainda com os pares na escrita, frangotes se empavonando no Suplemento Literário, que acabava de nascer por obra e graça do mágico Murilo Rubião, gente mais fina impossível. Com o pessoal do Suplemento – Adão, Jaime, Henry, Pellé(grino), Vilela, Sérgio, João Paulo, Libério, Duílio, Valdimir, Luís Márcio, Lucas, Werneck, Vieira et caterva – sempre vão faltar nomes nessa bendita Geração Suplemento – Tião se sentiu em casa, embora a turma se visse nas ruas. Ou enfurnados nos bares e onde mais houvesse agitação e/ou gole. Tempo de boemia romântica, digamos, não de alcoólatras, mas farristas (melhor não falar em corda etc., e depois o alcoolismo é péssimo exemplo para a comportada juventude que por aí dardeja, isto é, viceja, entendeu, pirralho?). Bons tempos. De boemia e literatura, da plena mocidade e primavera, “estação ditosa” que letrista da música popular chamou de fulgurosa, que rima com saudosa e em que, longe, o universal Aznavour deitou e rolou com categoria de gênio. Pois foi, vagaram que vagaram os meninos, encontrando o mais seguro ou mais interessante abrigo nos botecos, verdadeiros templos para fígados ainda sadios. Era onde expunham queixas e glórias de amores vividos, sonhados, prováveis, impossíveis. Tempo de intensa convivência com artistas plásticos, jornalistas, atores, diretores de tudo, escritores e rascunhos de escritores. Tempo de contatos, de visitas a amigos sem precisão de aviso prévio, quando se era tratado a pão de ló, hein? A tira-gostos, claro. Lembro das gozações mútuas, piadas, pândega, das cobranças, de brincadeiras. Do Tião e turma escornados numa sala de visitas, em alta madrugada e, no que a dona da casa foi acordá-lo para dormir, se ergueu contrariado: “Mas eu não estou dormindo?” Do Tião reclamando do Adão, vezeiro em secar o garrafão de pinga a cada visita, e aí o prejuízo era certo, preferia sustentar elefante etc. – e o rombo era menos de grana que de pinga, que coisa. Era juventude, e ainda entrevejo Tião assobiando Pixinguinha, recitando João Cabral, endeusando Graciliano

e Dalton Trevisan e Fernando Pessoa e. E gente de sua tribo, em número infinito. Lembro dele pitando seu veneno de cada dia, quando se era menos cobrado por isso e tudo parecia correr mais manso. É, mas tempo difícil, quando a vida haveria de recrudescer: canções seriam proibidas, textos proibidos, filmes e peças proibidos, pensar era proibido, viver, proibido. Tudo proibido, quer dizer, baixavam regras perversas, impunham-se mordidas nas caras de pavor – muito daquilo ainda é silêncio, mas é História. Tião, vivendo sua poesia de resistência e tudo, mais ou menos sumiu de cena, e sumimos de cena, ai de quem se metesse a besta onde, como, quando e sem porquê, todo mundo era suspeito. “Bang! / Onde você estiver / O destino / Mais que oferecido / Imposto” – engasgado e, no mais justo sentimento de revolta, coleí nas páginas do Suplemento Literário. “Ouvindo ao longe os uivos dos lobisomens, de perto os gritos roucos do trem, sacudi a poeira dos meus sapatos gastos e sumi na curva”, registraria no romance Balé de sombras.

11. – Apanhado e para não apanhar fui morar no Rio, e eis que lá me aparece em casa Tião. Enfrentava barra pesadíssima, como foi avisando ao chegar. Trazia bagagem mínima, de mão, junto com o catatau A montanha mágica, de Thomas Mann. Calculei, era leitura para um ano, no mínimo. Esgotando ou degustando o calhamaço em poucos dias, pude verificar que Tião continuava a máquina de leitura de sempre, mesmo com badalada praia a menos de duzentos metros (“Intellectual não vai à praia, intelectual bebe” brincava O Pasquim), o Cine Roxy ao lado, bares simpáticos entre as ruas, o Cabral 1500 na orla, um clube lá na Lagoa, e e e – e nada aqui de ostentação, mas opções de lazer bem acessíveis para os bolsos de jovens livres e remediados. Só queria dizer que, enquanto Copacabana e o Rio rugiam em volta, Tião ficava em casa lendo. Às segundas-feiras a gente ia ao Teatro Opinião, onde via/ouvia Candeia e Nelson Cavaquinho entre os veteranos, dos novos, Clara Nunes, Emílio Santiago mais dezenas de artistas pedindo passagem. Não tem jeito, que Paris que nada, o Rio, com mar, céu, montanhas e a sensação de liberdade advinda desse conjunto, sempre foi uma festa (desculpe, Hemingway). E o Tião ali enclausurado? Sim, desgostoso da vida, pois perdia ente querido. Ah, bom, por esses dias tinha saído historinha do Disney em que Urtigão foi passear na casa do Donald para ficar um dia e ficou um ano – aí, batata, a turma irreverente da república não ia perder a piada, e Tião virou Urtigão, que foi ficando, foi ficando, ficou. Por um ano, por aí. O pessoal achava o máximo a presença dele, estava ali um bom amigo e fazia falta indo embora. Tudo bem, presença grata, agradável, era mesmo bom companheiro e tudo, ninguém podia negar. É, mas um Sebastião flechado, desnortado como ele só, também no sentido rosiano: tinha perdido o norte, o Norte de Minas? Não só. Ele carregava problemas às pencas, mais sérios que falta de dinheiro, o que aliás não parecia preocupação primordial, ao menos grana para ele nunca seria objeto de adoração, logo ele que sempre detestou ostentar. Dinheiro, reputação, poder, nada disso pertencia ao universo dele. Despojado, moderado, do tipo asceta, espartano antes franciscano, nunca foi de ligar mesmo para a matéria – e dou exemplo. Em fase nada confortável, eu o vi recusando grana grossa. Ainda naquela Babilônia, um dono de agência publicitária subiu

ao apartamento para falar com ele e, na volta, descendo conosco no elevador, insistia em oferecer emprego lhe dobrando o salário, triplicando, quadruplicando, prometendo vantagens. Disse haver outros interessados na jogada. Claro que o homem conhecia o talento da fera. Irredutível, Tião se recusou a aceitar a proposta. Rasgava dinheiro? Não. Vai ver, não queria saber do que mais tarde seria chamado de competitividade, cobra engolindo cobra. Depois, a vida para ele perdera a graça. Tinha motivos e como. Mas, discreto, revelou ter problemas, sim, mas eram dele, agradecia o apoio de todos na república, mas a ele cabia resolvê-los. E foi embora. Depois, em bairro distante da zona sul, ganhou da república a cama que sobrou na casa. No que fui visitá-lo, vi o presente desmontado: da cama desarmada restavam as peças penduradas na parede da sala de visitas. Feito quadros. Tião dormia no piso do quarto. Tudo se desmontava, se desmoronava e não só ali. Invadira o país a intolerância, o medo, o terror, discórdias brabas entre irmãos, batalhas íntimas – e as notícias corriam ruins, muito ruins, sufocando, massacrando pessoas, projetos, ideais – até quando? O amigo vivia arrasado por vários motivos, incluindo o de caráter político, sem saída aparente – Tião, filho de Levi, Tião de Levi. Patético.

12. Depois, mais ou menos nos perdemos de vista e por bom tempo – eu agora revivia a secura do Cerrado na surpreendente Brasília, dita Capital da Esperança, Tião no interior de Minas, em Sereno, na “Grande Cataguases”. De volta às Minas Gerais, soube que ele fora catar ouro – ou jabuticabas – na histórica Sabará. Pois é, Sabará, quase bairro da simpática, milagrosa Belo Horizonte, “meu Triste Horizonte e destruído amor”, onde escritores mortos se transformam em viadutos e para onde retornei pela quarta ou quinta vez, não que me entusiasme com elevação post-mortem e muito menos por ser rebaixado a banheiro de pombos, até porque, aqui no caso, desmereço tamanha consideração – Hemingway, socorro! Foi quando os ciganos nos reencontramos, inevitável a lembrança de Guimarães Rosa com seu animador “Quem muito se evita se convive”. Revia um Tião magrelo como sempre, careca como nunca e mais esquelético que o Cristo padroeiro de nossa terra natal. Ocupava o aconchego que construiu bem do jeito dele e onde nas grimpas ergueu cômodo exclusivo – amigos seriam bem-vindos, com gole opcional e direito a curtição da paisagem se estendendo a perder de vista. Trabalha nas nuvens, numa espécie de torre repleta de livros, incrível torre (de marfim?, perguntei). Prosseguia na luta mais vã, a que, em Drummond, começava mal rompia a manhã. Produzia textos próprios (desengravatados, emendei) e alheios, se esmerando ainda na arte gráfica em que é mestre, quer dizer, batia o escanteio e corria para cabecear, como se dizia. Factótum interessado, entra de cabeça na edição de livros – no Brasil, foi pioneiro no uso do computador – batente pesado, envolvendo mente e coração no trampo sem fim ligado às editoras que criou, a Dubolso, Dubolsinho e Aaatchim. Com dificuldades na área (para perna-de-pau sempre haverá dificuldades na área), ou seja, diante da crise braba, montaria sofisticado café – ninguém fica sem comer, dinheiro não era tudo, mas precisava sobreviver, tinha a família, tinha os filhos e. Tudo acabaria bem, disse. Estava ali um Tião redivivo, mais alegre, menos sofrido,

menos cabeludo e mais sorridente, cercado do carinho de gente próxima e que gosta dele, que o apoia, respeita e admira. Os puxa-sacos somos nós, sapos de fora.

13. Meu tempo se esgota. Em qualquer sentido se esgota – é, la nave va – assim é a vida e “sine amicis vita tristis esset” – indelicado, dispensável traduzir para gente culta a inscrição quase vernáculo, meio objeto voador não identificado mas pincelado do latinório cotidiano dos monges e desperdiçado na boemia nem sei se tão sadia, mas sempre divertida, quando, de apanhar de chapéu e lambendo boca de cachorro – se dizia na cambada sem lei e sem rumo – se saía para a noite nas noites (há muitas noites na noite, poetou Gullar). Para a noite e para o hibridismo mais vexaminoso, quando a vida era um litro aberto, disse litro, fala, Antônio Barreto! Reencontrava um Tião com a mesma simplicidade e cumplicidade, um pouco pirado ou piorado a depender do ângulo, já que mais careca, aliás, careta, pois tinha parado com bebida e cigarro (no mínimo, acrescentei) – mas ele que viesse com conversa de cerveja sem álcool e veria “o mei’ do mundo”, como ainda se diz em nossa Bocaiuva. Ora, quem também já não bebe nem fuma não tem que criticar e sim respeitar a tal liberdade ampla, geral e irrestrita, concedendo a devida prioridade ao idoso, ah, ah, disse idoso e não caquético, jurássico, em escombros, dinossauro, entulho, essas coisas execráveis. Ele merece respeito: não é santo e detestaria o tal bom-mocismo, o ser modelo de virtude, ao que sei dele. Trata-se de senhor mais velho (velho, não careta ou coroca), isento de autocompaixão, ex-trepador em gameleiras, por ora dispensando bengala ou muleta – e o velho aqui é ele, o rótulo é dele, o protagonista da peça ele, multiartista impiedoso, debochado, sarcástico, mas amigo generoso, de astral de fato nas nuvens. E que, auto-irônico e sem miséria, inventou jogos e nomes para ele mesmo, se recriando para recriar vida, tantas vidas numa vida. Acho mesmo que o poeta, provocador e iconoclasta inveterado, reinventando nomes (há muitos nomes no nome) – quem o conhece sabe – talvez desconfiasse ser ele inimitável, inconfundível, ou seja, único.

14. Antes que tudo desabe em deterioração e esquecimento, tenho a dizer mais que, do alto daquela gameleira morta – olha essas árvores antigas, sugeria Bilac – quase um século nos contempla, afasta e reaproxima e. No mais, suportemos os caprichos da vida com seus (des) encontros. Haveria mais lembranças nas lembranças e que ficam de fora, claro, precisaria de espaço e autorização para escancarar o que não me cabe escancarar porque não me pertence e pode nem ser da minha conta. Impõe respeito a privacidade dos outros, veteranos ou não, mesmo que



Sebastião Nunes e sua mulher, Maria Zélia, junto às filhas (a partir da esquerda) Teresa, Juliana, Flávia e Alice

mergulhos aí possam redundar tanto em ode e andor triunfal, como em cobras e lagartos – tudo o que, a favor ou contra, um poeta de truz costuma dispensar quando independente. Inútil pois o esforço de resgatar o que transborda da cachola – memoria facultas obliviscendi – no que a sombra de alemão malvado parece crescer, se avolumando, apavorando, sinalizando que, demorando nada, ele dará as caras para demolir tanto sonho, tanta vida, apagando o que talvez não devesse ser apagado. Por ora a memória ajuda, até quando? Com o país sucateado a esperança tende a repousar nos paradoxos, talvez na visão retroativa do quase século de existência (cem anos não, oitenta, ele vai fazer questão dos centavos). Pois que seja, oitenta anos de vida intensa e literatura de alta qualidade, eita ferro, como o tempo voa – caramba, de novo o raio do lugar-comum –, melhor parar por aqui, concluídos os catorze quadros como na via-sacra. Grande cara, o Tião.

DRUMMOND AMORIM

mineiro de Bocaiuva, é contista e romancista. Vencedor de vários prêmios em âmbito nacional, publicou *Balé de Sombras*, *De Milena, circo e sonhos*, *Porquinho-da-índia*, *Se eu fosse Papai Noel*, *História de um primeiro amor*, *Droga de cidade grande*, *Beto*, *o analfabeto* e *Xixi na cama*, entre outros livros.

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1974

Senhor
Sebastião Nunes
rua da Passagem 72, ap. 219
Botafogo
Nesta.

Meu caro Sebastião,

Fico-lhe muito grato pelo seu Finis operis.

A demora me enobrece - custou-me assimilar o grau de afastamento e estranheza atingido pelo seu tour de force com essa 'morte da obra + ressurreição da obra + obra nova' que você propõe com coragem mas enorme soma de sabedoria e - honestamente - poesia. Você não pode iludir-se quanto aos ecos : serão poucos, limitados em áreas, equívocos. Como busco acumular, todas as (boas) derivas me fascinam : e a sua foi ótima.

Como guinar, para continuar criando, sem auto-epigonizar-se? É o seu repto - maravilhoso, aliás.

Regrato e do coração,



(Antonio Houaiss)

Rio, 4.2.84

Prezado Sebastião Nunes,

Recebi - e li - o seu chocante, ou melhor, chocante novo produto, "A velhice do poeta marginal, que reitera o talento já mostrado em criações anteriores ("Zovos", "Souos todos assés sius"). São trabalhos que mexem com o leitor, sacodem pela criatividade e pela irreverência. Felicito-o pelo êxito e agradeço a sua ousadia da revespa.

Um abraço do admirador
José J. Veiga



Salvador, 26 de novembro de 1974

Sebastião Geraldo Nunes
Candido Mendes- 253-ap.102
Glória- Rio - GB.

Caro Sebastião Geraldo Nunes,

só agora, chegando de longa viagem ao estrangeiro, tomo conhecimento de sua carta de setembro. Junto a esta você encontrará um cheque de Cr\$20,00. Com os votos de sucesso para seu novo livro, o abraço cordial do

comprado - Amado


Jorge Amado

Sebastião,

acho que escrevendo digo melhor. Pensei o seguinte: que de um lado a tá você mas do outro lado falta o destinatário. Não que se deva escrever dirigindo-se a determinadas pessoas, Mas que se destine como a "alguem", No seu trabalho, que é muito, muito bonito, ~~mas~~ falta o interlocutor. Você está na fase de se comunicar consigo mesmo -- fase importantíssima, sem a qual não se caminha para a frente. ~~Exatamente~~ faltando ~~nesses~~ ~~trabalhos~~ ~~interz~~ E está faltando o ~~lix~~ "outro", Não sei se estou sendo ~~to~~ clara. Seu trabalho é autêntico e você não está brincando: foi por isso que ~~o~~ lhe telefonei da primeira vez chamando-o. Eu vi que você vale a pena. Não sei explicar melhor. Mas na carta que você me escreveu -- portanto com um interlocutor que era eu -- nessa carta ~~o~~ você, tendo o ~~do~~ "outro", me atingiu como uma seta que atinge o alvo. Quero dizer que você sabe falar. Diga-me, por favor, se concorda, fale que estou errada, diga-me a quem você mandou seu trabalho e o que ~~o~~ lhe disseram.

Clarice

PLINIO DOYLE

RIO DE JANEIRO, 9 janeiro 1978

Ao prezado amigo SEBASTIÃO NUNES,
venho agradecer a oferta de
Z O V O S,

o seu último e estranho/curioso livro,
que estou apreciando aos poucos.
Os renovados agradecimentos e os abraços de

São Paulo, 22 de junho de 1998.

Caro Sebastião Nunes:

Fiquei profundamente sensibilizado pelo envio que me fez de seu Enterro simbólico da classe média. Ele me divertiu e, ao mesmo tempo, me deixou impressionado. Como sempre, apreciei os seus desenhos e a graça amarga de seus textos.

Não pense que sou ingrato: respondo-lhe somente agora, pois o pacote foi enviado para o meu endereço antigo e por isto eu o recebi somente agora.

Fiquei impressionado com as despesas que você teve e espero que não tenham constituído um sacrifício desnecessário.

Mais uma vez, muito obrigado, e aceite o abraço amigo do

UM GAIO SABER VERBO-VISUAL, SEGUNDO SEBASTIÃO NUNES

VERA CASA NOVA

As *Antologias Mamalucas 1 e 2* são a parte maldita das experiências visuais na literatura brasileira. Um texto transgressor e excessivo que se desdobra em imagens que se repetem, se aglutinam, se desconstroem, se desfiguram tipograficamente.

Diante de certas imagens, que em sua maioria não ilustra os textos, o leitor vê os sentidos desaparecerem no descontínuo a cada virada de página.

Os temas são bem definidos, sobretudo os que se relacionam à crítica literária e à situação do poeta como um titã – que se curva com o peso das palavras, das letras.

Um Atlas que se depara com monstros, demônios, sendo ele, poeta, um ser sem medida por carregar nas costas todo o arsenal linguístico, mas tendo sua musa como móbile de (seu) desejo.

“Ator do suicídio ou o suicídio do ator?”

Destruidor ou desconstrutor, o “poeta

pelado” olha com olhos detratores as “facções literárias”, ou seja, os grupos de poetas de várias gerações que se diferenciam e se atacam.

Os textos datiloescritos apresentam “erros” que segundo SN “não são erros de português”, mas que não atrapalham a legibilidade, no mais estrito respeito à intenção sebastiana, apontando para o nervo, a tensão da escritura.

Em verdadeiro exercício tipográfico, textos e imagens trazem referências variadas. As citações são abundantes e dialogam de forma bem humorada com os textos. Paródias e *nonsenses* rompem com a seriedade do discurso. O riso sustenta a estranheza que os avessos e as máscaras apontam.

“Orelhas fritas, bosta cum farofa/ pimentão com miolos de feto...” [sic]

Não há proporção entre os detalhes e o todo da página. Essa desarmonia tipográfica parece ser o grande achado das montagens. Do clichê ao clichê, o texto e a imagem se imbricam na

desregulagem da *poiesis*. A palavra não dá a ver e a imagem se desarticula no processo mimético. “No clichê, parasitas do gênero *poiesis*, flutuando no grosso mar de merda da literatura brasileira”.

Em nome da transgressão, a palavra é agressiva, a imagem chocante. Bocage 70 ou Boccaccio 70. Nas referências ao poeta português e ao filme de Mario Monicelli, Fellini, Visconti e De Sica, Sebastião Nunes se reporta mais uma vez à comédia, ou melhor, ao riso. “O poeta cagará eternamente em tudo e cagando há de morrer fedendo”.

No vai e vem da máquina tipo-datilográfica, faltam letras, frases são cortadas, as normas ortográficas infringidas. Esse é o trabalho das palavras. Ao mesmo tempo, frases em línguas estrangeiras preenchem espaços vazios das páginas – essa “pluralidade” de línguas dentro de uma mesma língua evidencia os gestos do poeta em processo de carnavalização.

Em *Erótica Batalha* é clara a referência ao filósofo Georges Bataille e ao conceito de informe. O palavrão tem o valor de depreciação, do “baixo” e ao mesmo tempo abre um outro código dentro do poético, da temática (alto/baixo) e das ambiguidades (foda, caralho, ereção...).

A cada página, texto e imagem se sucedem e se excedem. Inventam-se as palavras para que a irreverência seja alcançada.

“Universitários mais, enquanto eu universitário menos”. Ou ainda “sou discreto e tímido e modesto e puxasaqueto e intelectualecto comportadecto”.

Trabalhar a palavra isto é, a incompletude da palavra sem uma letra, ou sílabas que desaparecem ou se aglutinam. Erros da máquina datilográfica ou da máquina linguajeira?

O suicídio do ator/autor é construído pelo quebra-cabeças crítico dos discursos literários, ao abordar variados temas ligados aos processos da *poiesis* a contrapelo. A crítica empreendida é alimentada por provocações ao campo literário e as imagens arquitetadas por “montagens de repulsas” à maneira de Georges Bataille.

A rede de montagens, remontagens e colagens variadas levam a marca da desproporção entre texto e imagem. Esqueleto pregado na cruz, uma porta de cozinha que se desloca como num jogo de “7 erros” no movimento de total desconstrução: o esqueleto desfeito ao pé da cruz. Decomposição do antropomorfismo.

Figuras de caráter simbólico vão desfilando diante de nossos olhos leitores: touro, Minotauro, Alef, entre outras figuras da força do trabalho, dos instintos da sensorialidade do poeta, num trabalho de colagem, onde os signos remetem a outros signos.

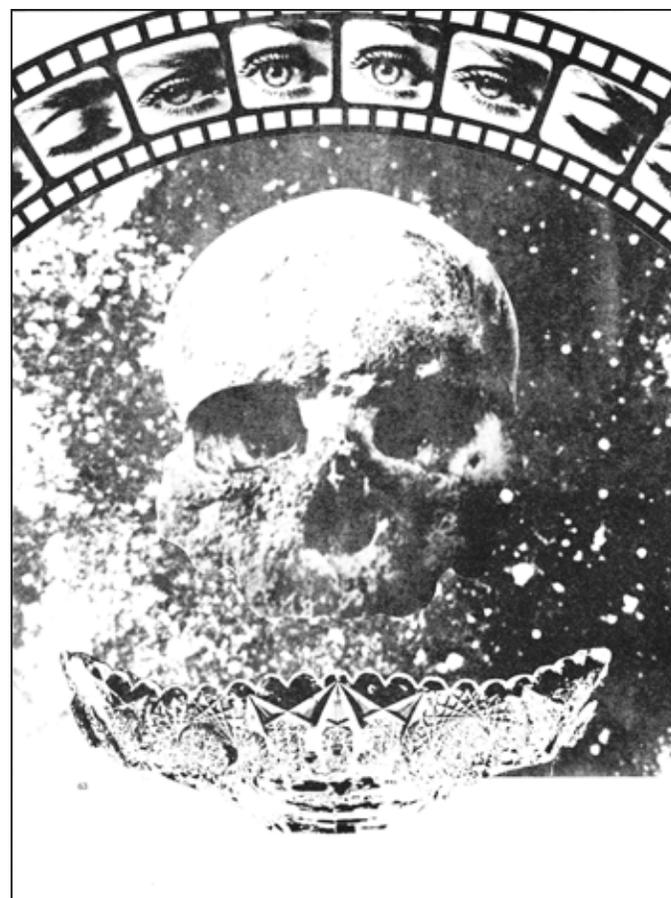
A finitude, a morte, a ruína, a incompletude, constituem o trágico que SN transforma em sua escritura em cômico. Humor que traz o sério através da “inquietante estranheza”, colocando em xeque, por exemplo, a arrogância humana. Esse saber de estereótipos e clichês, cujos valores pertencem a um paradigma da ordem vigente, tecem o jogo, o lúdico entre burlesco e grotesco. Esse jogo é assegurado por duas operações: de um lado o sujeito da escritura desvia o paradigma, por outro lado, o riso, que desvia

do sério, do pudor linguístico. O trabalho da língua, da palavra segue esse jogo na imagem que o repercute.

Muitos olhos em fotogramas, como a indicar ao leitor/ espectador uma diferença pelo excesso, o que passa através dos olhos. O olho, uma “guloseima canibal” (Stevenson) é signo da inquietação, por excelência, pois não o mordemos jamais. É ele, que ao ser cortado com uma navalha no filme de Luis Buñuel (*Un Chien Andalou*) pode despertar a consciência do leitor/ espectador para um novo olhar.

Em “Flora et Fauna brasiliensis” os olhos avançam em grande plano ou em detalhe em direção ao leitor. Olho cujo enquadramento vai sendo deslocado e se movimenta à procura desse leitor.

“O poeta como divindade” traz a imagem do Atlas que carrega sobre os ombros as letras da língua e as suporta como o titã que se dobra sob o fardo da poesia; “O poeta como herói” traz uma figura com sua armadura, armado com armas de letras; “O poeta como pensador” é um avestruz que bica letras; “O poeta como



O poeta como divindade (o titã que se dobra sob o fardo da poesia), e muitos olhos como fotogramas (signo da inquietação)

Autor? Sebastião
 Nião, Bastunes
 Nião ou Sebastião
 Nunes, entre outros
 nomes, sobrevive
 entre colagens
 e montagens nas
 interferências que
 realiza, até em
 suas homenagens
 poéticas.

cidadão" é ilustrado pela figura do Magro (O Gordo e o Magro), um palhaço varrendo letras.

Da *Suma Teológica* (S. Tomás de Aquino) à *Suma Ateológica* (Georges Bataille), à "Suma Escatológica", a transgressão continua. O boneco

observa em cima do muro. Os ratos nos olham e um homem de terno mostra um pênis. Figuras que se apresentam posteriormente em número crescente. A montagem nos indica a finitude e ao mesmo tempo no *punctum* das fotos, o falo na mão dos homens letrados ou políticos: o poder.

Os gestos da linguagem continuam nessa cozinha de provocações. Escatológico, destino final do homem e do mundo em palavras e imagens. Moscas, baratas comem o ano de 1922 e as gerações subsequentes do modernismo.

No bricabraque do conjunto de imagens provenientes de épocas variadas, como um brechó, SN acumula imagens e textos simulados e dissimulados na "Cirrose hepática", na "Pneumonia dupla", no "Enfisema pulmonar".

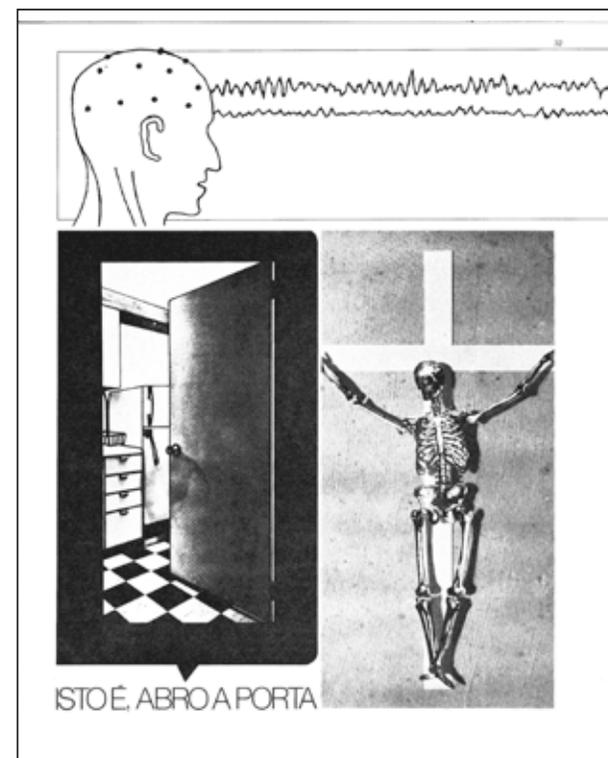
Autor? Sebastião Nião, Bastunes Nião ou Sebastião Nunes entre outros nomes sobrevive entre colagens e montagens nas interferências que realiza, até em suas homenagens poéticas.

Em *Antologia Mamaluca 2* revela enfim que: "Sonhei um Rimbaud modernista entre araras e tamanduás/ Pensei um Castro Alves bêbado e futurista/ e fico nisso: pedaços de bofe grudados na camisa".

Os esqueletos são de pássaros, cobras, peixes, entre outros bichos e se apresentam nas fotos da pobreza que reza, ou na miséria. A escatologia avança sempre apontando para a morte, a finitude. Antítese da beleza, da proporção: a decomposição das formas.

Corpos fragmentados em meio ao informe. A foto de uma barata é a antítese de uma estética apolínea. Esse deslocamento de formas acarretaria um deslocamento do pensamento?

As relações entre formas naturais – biológicas, animais – e formas culturais ou artísticas se aglutinam na mistura escatológica para o deslocamento dos campos de referência. Sub-repticiamente entram no jogo dos deslocamentos, no movimento das formas (imagem e texto) das figuras, uma dialética negativa que se traduz pela arte da negação e do excesso. Pulverizar a unidade do sujeito, do poeta no processo de deslocamento das formas é a grande experiência de SN e é também, a seu modo, a possibilidade de subverter, inquietar o idealismo e o poder dominante.



Esqueleto pregado na cruz, uma porta de cozinha que se desloca: decomposição do antropomorfismo

Notas

1- Informe "não é somente um adjetivo tendo tal sentido, mas um termo servindo a desclassificar exigindo geralmente que cada coisa tenha sua forma... pois o universo é algo como uma aranha ou um cuspe". (BATAILLE, G. Courts écrits sur l'art, p. 93)

Nota da Autora - O título dado a esse artigo faz referência a Nietzsche, Bataille e Georges Didi-Huberman. Mas o que vou aqui esboçar (trata-se de um esboço de estudo) são alguns apontamentos, alguns recortes sobre as Antologias Mamalucas (1 e 2) de Sebastião Nunes, esse poeta maldito para muitos e absolutamente original em suas obras, devido as suas performances verbo-visuais.

VERA CASA NOVA

é poeta, ensaísta, tradutora e professora aposentada da Faculdade de Letras da UFMG. Autora de *Rastros* (poesia), *Restos* (poesia), *Mistura Fina* (contos) entre outras publicações.

LÍRICA CONTRACORRENTE

A LIBERDADE DA ARTE DE SEBASTIÃO NUNES E ALBERTO PIMENTA

ROGÉRIO BARBOSA DA SILVA

Uma questão crucial se inscreve, quase que subliminarmente, no tema desta comunicação: ao situar a poesia de Alberto Pimenta e de Sebastião Nunes como “marginais” toca-se no problema de ser ou não aceitável uma determinada obra de arte ou, como afirmamos, uma poética. No caso, essas duas poéticas seriam ou agiriam conscientemente como elementos de força contrários a determinadas pressões de tradições poéticas, nas quais o “lirismo” estaria sacralizado.

Desses dois poetas, de um modo geral, pode-se falar em “inexistência”, no sentido definido por Pádua Fernandes, como uma estratégia artística dentro de uma tradição contestatária, o que faz os poemas de ambos os autores circularem em circuitos restritos, ainda ignorados pela crítica especializada. Às vezes até se voltam contra a crítica ao mexerem com os dogmas desse tipo de apreensão de baixa leitura, de pendor normativo. Exemplos? Alberto Pimenta abre o volume *Grande coleção de inverno - 2001-2002* (&etc, 2001), com uma pequena nota explicativa irônica a seus críticos:

“este livro era para se chamar “flores do bem”; mas depois os mestres das patentes iam dizer: “flores do bem... flores do bem... flores do mal... flores do mal”... “Flores do mal”... mas... isto é Baudelaire!... Olha onde o grande macaco foi buscar o título! assim já não dizem nada, o que nos honra a todos: a eles, e a mim.”

Sebastião Nunes, por sua vez, inicia o prólogo do seu *Decálogo da Classe Média* (Dubolso; Mazza, 1998), dizendo que “atende com urgência urgentíssima às necessidades docentes, discentes e maledicentes dos cursos de comunicação, antropologia, sociologia, biologia, matemática, física, psicanálise, economia, informática, letras, filosofia e ciências políticas, que sofrem pernicioso carência de estudos sérios sobre o zoopatológico assunto”.

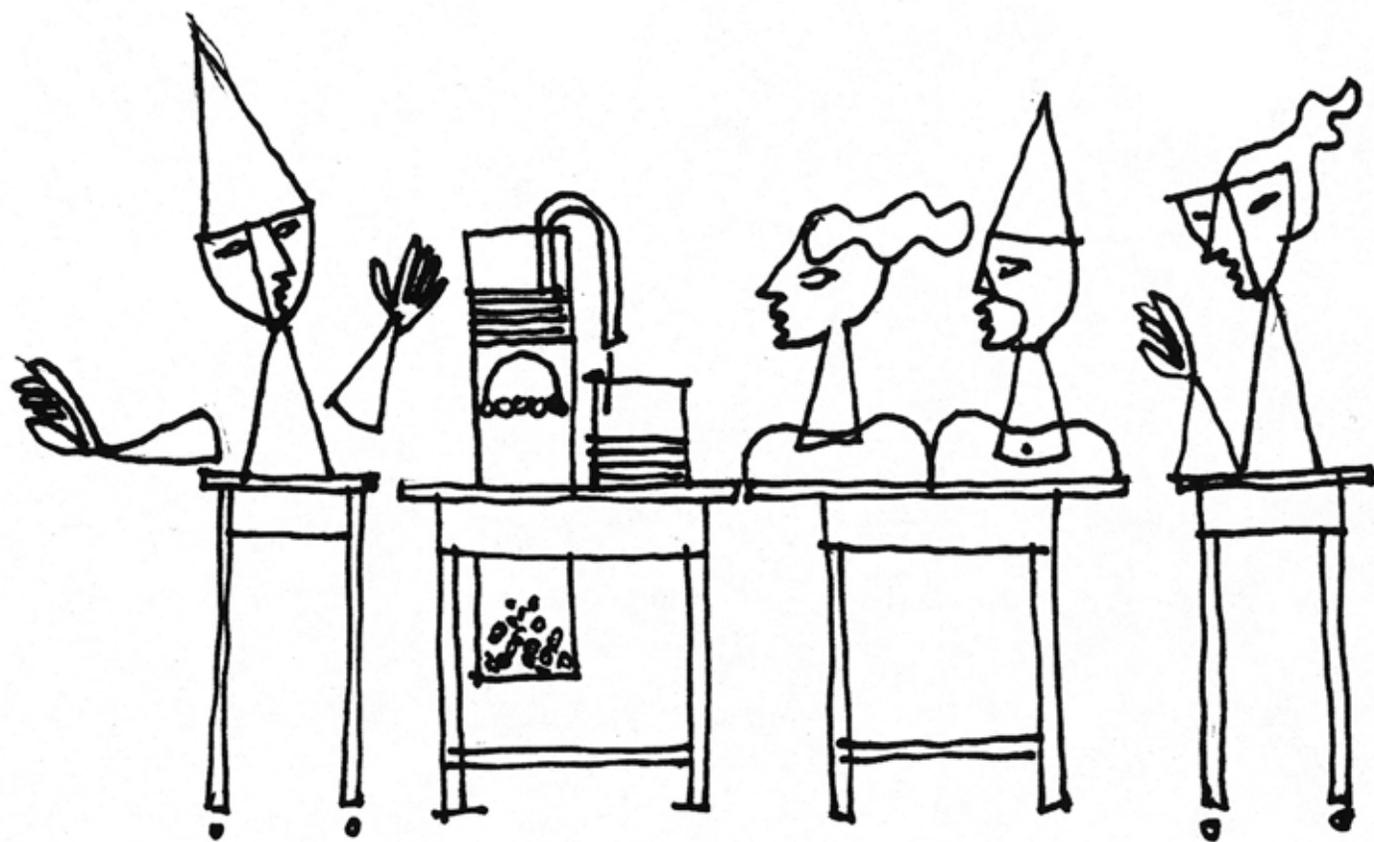
A crítica não consiste evidentemente numa rejeição do leitor, mas questiona uma possível postura enviesada ou pouco aberta ao contraditório, a outros níveis de sensibilidade. Pimenta ri da leitura simplista que simplesmente identifica o intertexto, como um policiamento do plágio.

Nunes ri do próprio desinteresse de certos leitores, de certos eruditos, talvez pseudo-sérios. Em ambos, no entanto, o gesto debochado denuncia a perspectiva de um silêncio (tema caro a Pimenta), em que o pensamento poético e sobre poesia deve renunciar aos festejos e apupos do público. Talvez aí se explique a tirada irônica de Tião Nunes, em “Notas sentimentais ao rol das obras”: o encerramento da produção poética aos 50 anos, à véspera de ficar incapacitado para tal atividade, passando a se dedicar “a prosas diversas, bem mais fáceis de produzir”.

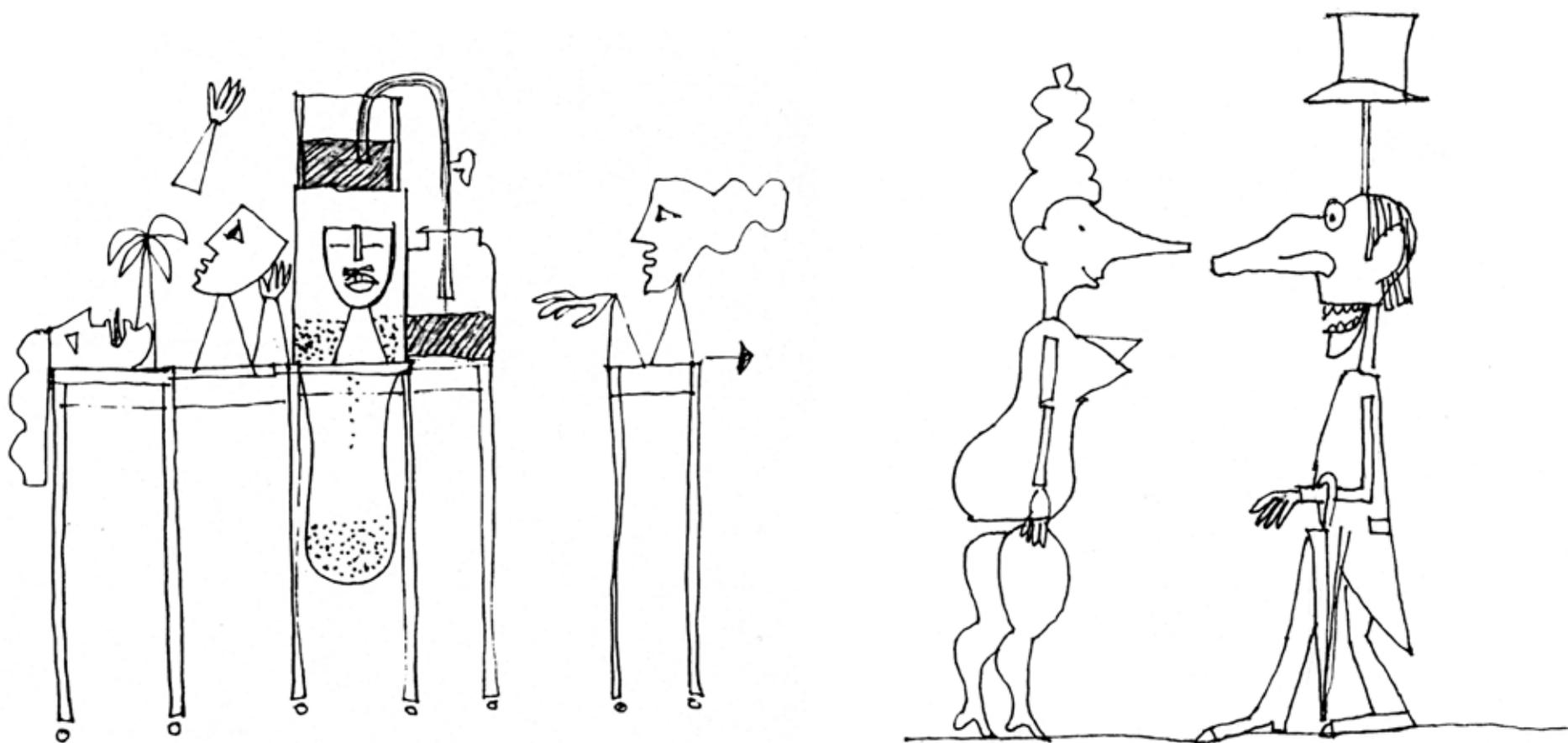
Essa “marginalidade” da obra dos autores nos sistemas literários de Brasil e Portugal deve-se, portanto, a um conjunto de estratégias incorporadas ou pertinentes a suas próprias poéticas, sendo marcante o contexto sociocultural em que elas se desenvolveram entre as décadas de 1970 a 1990, com poemas extremamente provocativos aos espíritos conservadores. Sebastião Nunes publica *A Cidade de Deus* em 1970 e tem que expurgar o poema “Bocage 70” por censura das gráficas, mesmo com pagamento adiantado. O poema só é editado em 78, quando foi incluído em *O suicídio do ator* (1977/78), inicialmente editado no formato de cartaz. Em 1989, o poeta viverá outra experiência concreta de censura, quando toda uma edição de jornal então editado pela Fundação Clóvis Salgado foi recolhida por ter veiculado o seu poema “As rampas do palácio”, considerado ofensivo às altas autoridades. O poema se encontra hoje publicado em sua *Antologia Mamaluca / Poesias Inéditas*, com o título de “Conto de Fadas n.º 1”. Toda a sua poesia, reunida em duas antologias “mamalucas”, foi publicada pelo próprio poeta, em suas Edições Dubolso.

Alberto Pimenta não teve problemas com a censura. Vivia na Alemanha quando publicou em 1970 *O Labirintodonte*. Em 31 de julho de 1977, escandalizou o público português expondo-se numa jaula no Palácio dos Chimpanzés do Jardim zoológico de Lisboa. Seu livro *IV de ouros* (Fenda, 1992) traz fotografia do seu “ato poético” e uma espécie de registro material possivelmente recriado a partir de gravações, em que lemos coisas como esta: “- Tenho impressão de que é um homem normal. / - Não, normal não pode ser, senão não estava ali. É maluco, anda à solta. / ou tarado sexual. (...) - Já há portugueses enjaulados? Já não servem as cadeias? / - Ele não é português.”

Sua produção poética reúne a soma considerável de mais 30 livros, excluídos os textos vários escritos para espetáculos, intervenções



Croquis de Álvaro Apocalypse para a peça *Antologia Mamaluca*; dirigida por ele, a peça foi apresentada pelo teatro de bonecos Giramundo, em 1994.



poéticas e os ensaios sobre poesia e simbologia. Em seus ensaios Alberto Pimenta vem chamando-nos a atenção para os problemas criativos e de liberdade criativa. Mostra-nos ele que as poéticas centradas unicamente numa estruturação à base de certos princípios formais e retóricos são inofensivas ao logos racional. Servem-se da metáfora e produzem certos efeitos de sintaxe, mas não mexem com o logos racional. Contra essa postura, Pimenta enfatizará uma dimensão poetográfica, característica da poesia moderna propensa ao silêncio programático, e que substitui a “ideologia” dos símbolos por uma espécie de “ideografia”, rejeitando seu logos e preservando-os como signos.

Quando lemos as obras de Alberto Pimenta e de Sebastião Nunes, percebemos que o gesto lúdico que as preside impõe um movimento performativo da linguagem, a qual, perpassada por uma dimensão irônica e às vezes satírica, nos abre a perspectiva de uma arte livre e emancipadora. São muitos exemplos na poética de Sebastião Nunes (e uso aqui esse conceito de poética para recobrir toda a produção do poeta em prosa e verso). Caracteriza-a especialmente a apropriação semiológica de textos e imagens, que se integram formando um tecido crítico, que implica uma postura de “guerrilha cultural”, como já nos demonstrou Fabrício Marques. Nela, as “panelinhas” literárias são satirizadas, como em “Oh que estúpido que fui!”: “Quem me empresta nova panelinha?/ Quero que me puxem o saco./ Exijo ser chamado gênio./ Preciso cagar regras. (...)” Ao inserir imagens e textos relativos a fórceps e uma cesta de lixo de grande capacidade, glosa ainda a baixa criatividade dominante.

Na mesma linha, podemos ver o texto em prosa do *Decálogo*, para ficar num livro mais recente do autor. Por exemplo, “Autologice” cria um perfil satírico de um inclame (faz-nos lembrar Júlio Cortázar, de *Histórias de cronópios e de famas*), o qual manifesta muito dos males de escritores e intelectuais contemporâneos: “O coeficiente vocabular é drasticamente reduzido, percebendo-se no paciente forte tendência a se expressar tautologicamente ou por meio de gestos evasivos.” A descrição da “doença” é hilariante. Uma imagem de um inclame (uma traça, talvez, já que estamos entre os amantes dos livros) vem acompanhada de uma descrição,

dizendo tratar-se de um exemplar atacado por “Estupidez”. Este livro, assim como *Aureo mediocritas/Antologia mamaluca 2* (1989), dissecou a mediania intelectual vigente.

No caso de Alberto Pimenta, sua obra é um permanente gesto de intervenção. Por isso, tanto nos livros de poesia quanto nos ensaios ou nos “atos poéticos”, o gesto criativo constitui-se, pela via performativa, numa afirmação da liberdade. Quando percorremos, por exemplo, a sua *Obra quase incompleta* (Fenda, 1990), é possível verificar que o poeta apropria-se e reescreve sobre sua própria produção, num gesto palimp-séstico destinado a libertar os signos. Isso fez com que o poeta lance fogo sobre um exemplar de *O silêncio dos poetas* numa feira de livros em Lisboa em 10 de junho de 1991, dia de Camões, questionando a preferência do público sobre sua obra acadêmica em detrimento da poética. E declara: “aprovando este e reprovando o resto, insinuam que eu podia ser um homem da cultura como eles, não perceberam que eu gosto mais de ser um homem.”

(...) o poeta mete um dedo na vulva da palavra. a palavra torce-se toda. depois acalma. o poeta mete outro e outro dedo ainda, retira um hífen todo molhado. a palavra cai ofegante. o poeta afasta-se com um sorriso mete o hífen ao bolso e publica-o com uma palavra sua na capa.

Hoje, temos publicado no Brasil, *A encomenda do silêncio*, antologia organizada por Pádua Fernandes. Dela, extraio o fragmento do poema “ligação”, em que sinto uma sintonia com a poética de Tião Nunes: o viés pornográfico, satírico e de crítica cultural.

Ainda que brevemente, tentamos demonstrar que as poéticas de Nunes e Pimenta implicam uma ação sobre o tecido cultural e o leitor tem de reagir interagindo com a matéria plástica e visual de seus textos, de modo a se posicionar sobre a arte e o mundo. Ou seja, o público deve buscar suas próprias respostas ao que lê ou vê. Criaram uma arte da recusa, inquieta e contracorrente.

Referências bibliográficas:

- NUNES, Sebastião. *Antologia Mamaluca e Poesia Inédita I*. Sabará: Edições Dubolso, 1985.
 _____. *Decálogo da Classe Média*. Sabará: Edições Dubolso; Belo Horizonte: Mazza, 1998.
 _____. *Antologia Mamaluca e Poesia Inédita 2*. Sabará: Edições Dubolso, 1989.
 PIMENTA, Alberto. *Metamorfose do Vídeo*. [s. i.]: José Ribeiro, editor, 1986.
 _____. *Obra quase incompleta*. Lisboa: Fenda Editorial, 1990.
 _____. *IV de Ouros*. Lisboa: Fenda Editorial, 1992.
 _____. *O silêncio dos poetas*. Lisboa: A regra do jogo, 1978.
 _____. *A encomenda do silêncio*. Org. Pádua Fernandes. São Paulo: Odradek Editorial, 2004.

ROGÉRIO BARBOSA DA SILVA

mineiro de Belo Horizonte, é doutor em Estudos Literários – Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor do CEFET-MG.

Aconteceu em junho de 2018. Eu havia acabado de ler as crônicas de Sebastião Nunes, além de algumas de suas entrevistas no livro *Sebastião Nunes* (Editora UFMG, 2008) organizado por Fabrício Marques. A leitura era inquietante porque Sebastião Nunes tinha razão em tanta coisa, porque exercia a literatura de forma tão livre e potente, tão abertamente crítica e de posicionamentos ideológicos e políticos claros; porque lê-lo, de certa forma, era passar pelo flagrante de um desnudamento. Deixei o material descansando na estante, até começar a rascunhar um texto sobre ele. Sabe-se lá por que cargas d'água do destino, ou por quais gracinhas do inconsciente, ficaram exatamente ao lado de *As Viagens de Gulliver*. Exatamente nesta ordem: *As Viagens de Gulliver*, *Adão e Eva no paraíso amazônico*, *Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo* e *Sebastião Nunes* (de Fabrício Marques). Enquanto prosseguia, lendo *O Elogio da Punheta*, passava pelo ineditismo de sofrer de insônia. De tanto pensar sobre a vida, o meio literário, a falta de leitores, o país e, sobretudo, os inclames, pensamento absolutamente incômodo, tornei-me notívaga.

JÁ EXPLICO

Inclames: Indivíduos da Classe Média. A eles Sebastião Nunes dedica boa parte de sua crônica. Por sua prosa, o leitor encontrará esses seres, aqui e ali, avistada e desavisadamente. Assim como encontrará panderosos (se você já viu um, ele não era um panderoso) e mauseráveis.

Tínhamos acabado de passar por mais um grave momento nacional. Com os caminhoneiros parados, não havia combustíveis nos postos do país e, assim que houve, em quantidade insuficiente para todos, lá foram os inclames com seu lema, *o país é dos espertos*, furar filas e encher tanques e galões para estocagem. Não tendo alimentos disponíveis para todos – aliás, nunca houve – lá também os inclames, esvaziando mais rapidamente as prateleiras, no *farinha pouca, meu pirão primeiro*. Ou seja, os inclames estão sempre fazendo inclamices.

“O que caracteriza um inclame? A necessidade compulsiva e desesperada de comprar, possuir, aparecer, pontificar e subir, a qualquer preço, a escada social, aquela que leva aos céus da fartura, da futilidade e da ignorância. Escada que leva, em síntese, a uma espécie de nirvana para idiotas.”

Sem dormir, eu aproveitava para ler; lendo, tomava café; tomando café, não dormia. Não havia saída, era

preciso considerar que Sebastião Nunes mirou nos alvos certos: as elites política, econômica e intelectual. Seu destaque para os inclames se fazia compreensível. Tinha algo muito errado com eles e Sebastião Nunes conseguiu condensar o conceito numa sigla. Não obstante, afinal consumismo e inclames andam siameses, sua crônica reserva um lugar especial no inferno para publicitários e economistas.

Foi naquela madrugada, então, tomando café e notas, que tive a certeza de ter ouvido vozes que vinham da estante. Não tive coragem de me aproximar – sempre senti um medo imenso de fantasmas, apesar de meu falecido pai ter me dito, mais de uma vez (quando vivo), que eu devia ter medo mesmo é dos vivos.

SOU SÓ OUVIDOS

Também não tive coragem de sair correndo. Fiquei inerte. Não reconheci as vozes, obviamente, mas soube, pelo conteúdo da conversa, de quem se tratava. Pelo jeito, peguei o assunto já bem desenvolvido, ou como dizem aqui em Minas, peguei o bonde andando, os dois falantes se conheciam de longa data:

– Devo confessar que venho aqui quando sofro grande fastio, Bastunes. Aliás, já combinamos que não o chamarei mais de Bastunes Ião, Sebastião; nem de Sebastião Nuvens ou Senião Bastunes, mas acho a ideia sensacional. Precisamos, entre outras coisas, de um pouco de humor por aqui. Esta estante onde estamos, com exceção de nossa salutar vizinhança, é cheia de livros que não fazem a menor diferença existirem ou não.

– Sim, acho que a dona da casa mantém muitos dos livros por causa do apego aos autógrafos. Por falar em autógrafo, soube que Nelson de Oliveira não dá mais autógrafos nos livros? Uma espécie de manifesto. Aprovo. É preciso romper sempre com essa vidinha literária.

– Olha, e de rompimento você entende. Sabe do que mais gosto aqui nesse *Adão e Eva no paraíso amazônico*? Os preâmbulos! Eu amo as suas crônicas com preâmbulos. E nem preciso dizer da ironia, da farsa, do seu absurdo! Ah, a força do absurdo, Bastunes! A crônica-ensaio é para poucos, é preciso talento, leitura, base de argumentação e coragem.

– Aprendi com mestres. E devo dizer que apesar de toda a minha irreverência, sou reverente ao que devo ser, tiraria o chapéu para esta sua pessoa, caso eu estivesse de chapéu.

– Ora, você eleva a crônica à obra de arte, vai da filosofia à biologia, da história à religião, da publicidade

à história da literatura! Maneja a sátira como ninguém. É mordaz. E, não raro, dá espaço para a finitude, para a falta de sentido da vida e da morte. Bastunes!, fico imaginando quantos leitores ainda existirão para poder aproveitar a gama de conhecimento com que você trabalha.

— Presumo que uns trezentos, se muito, neste país de duzentos e sete milhões de habitantes.

— Poucos leem, mas muitos escrevem. Veja aqui a vizinhança... a coisa não é lá muito animadora, exceto pelas exceções. Mas digamos que minha apreciação, claro, tem um pouco de vaidade. Sim!, temos muito em comum. Somos dois satíricos, dois humanistas. Podemos até sofrer a mesma acusação: a de misantropia! Ah, quanta injustiça, Senião! Ambos usamos a inversão e o escândalo, elevamos a crueldade para denunciar a crueldade, vamos ao ápice da imoralidade porque somos moralistas de uma outra moral e tanto o seu olhar quanto o meu focam com preferência os desvalidos, os pobres e miseráveis. Ah, depois de tantos séculos, que desgosto, Nuvens! A humanidade não tem jeito.

— Bom, nós dois já apresentamos soluções.

— É verdade, enquanto eu propus que se comessem os filhos dos pobres, para que se resolvesse o problema da pobreza na Irlanda, você propõe que se comam os inclames, para o mesmo fim. Com a vantagem de que ainda se salva o meio-ambiente. Creio que a sua solução não é só econômica e política, como também é espiritual e estética. Temos que falar mais sobre canibalismo! E veja esta, aqui na página 35, *O juízo final está chegando a galope!* Hahahahaha, nada mais, nada menos que a destruição do sistema monetário. Você é um destruidor em potencial. Gosto deste trecho especialmente: “O tráfico de drogas irá à falência, levando à falência a polícia de repressão e ao desemprego os políticos que vivem do tráfico de drogas.” Será o fim daquele senador, não?

— Vejo que está inteirado da política local.

— Ora, os mortos de tudo sabem, e não é de seu desconhecimento, pois por suas crônicas também os mortos falam e sabem de Deus e do Diabo.

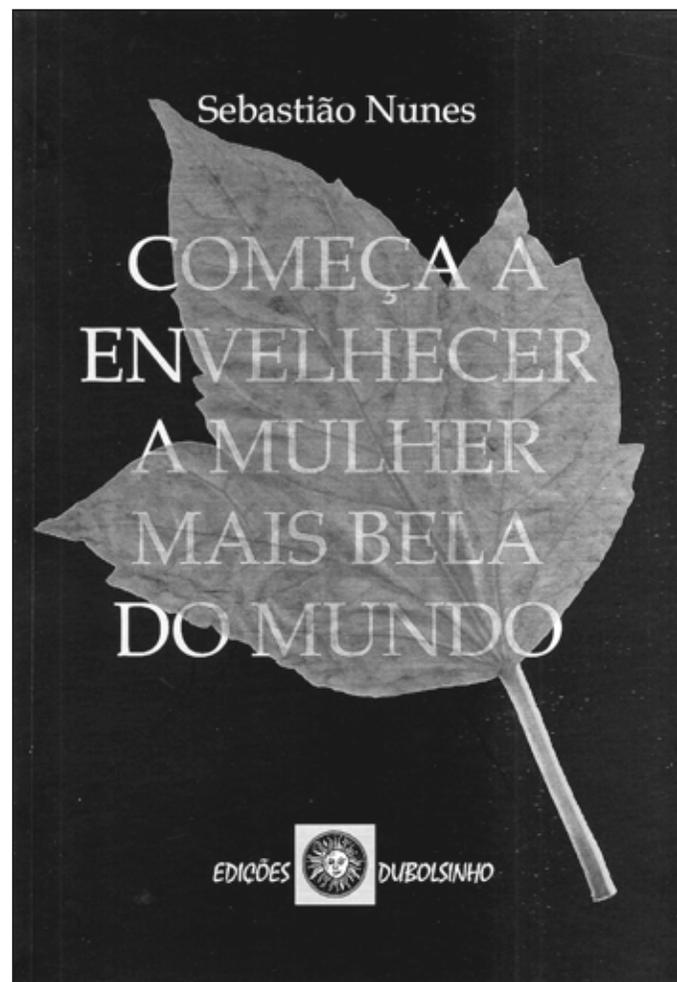
POR FALAR EM DIABO

Por falar em Diabo, notei, pelo andar da carruagem, ou melhor, pelo som dos passantes nas páginas, que eles entravam em *Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo*. Mais exatamente na página 37, observação que pude conferir, depois, obviamente, pois como já disse, eu não dormia havia três dias e o livro estava na estante. Ali, onde Sebastião Nunes promove encontros fantásticos entre histórias reais e imaginadas, Al Capone dialoga com Charles Chaplin, Machado de Assis com Lima Barreto, Antônio Conselheiro revela para Euclides da Cunha, por meio de um chá divinatório, a fome sexual de Ana por Dilermando e sua futura tragédia, Grande Otelo e Orson Welles comem sardinha frita no Beco da Fome, Dolores Duran e Maysa bebem e fumam na madrugada carioca e Che Guevara e Hemingway jogam xadrez; aliás, ele próprio, Sebastião, encontra-se, noutra crônica, com Guevara. Mas voltemos ao Diabo, ou melhor, ao Inferno, que é onde estavam:

— Ninguém poderia prever este seu inferno, Nuvens! Você brinca com a religião em muitas de suas crônicas, e está mais do que certo: todas



Adão e Eva no Paraíso Amazônico e Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo, lançados pela Dubolsinho, respectivamente em 2009 e 2017



as vilezas e crueldades cometidas entre nós por entusiastas e fanáticos foram praticadas sob um disfarce de religião e longas preces. Dante ficará surpreso! Aliás, temos que chamá-lo qualquer dia desses para um colóquio. Ouvi dizer que ele e São Francisco de Assis não saem mais de perto um do outro. Dante o considera “a luz que brilhou sobre o mundo”. Chamemos São Francisco também! Ficarão estupefatos diante desse seu inferno que mais parece um shopping center.

— Sim, tudo mudou muito. Ninguém mais vai para o inferno eternamente, no máximo por quatro anos. O número de condenados excedeu a capacidade física do inferno. Não há mais vagas, nem mesmo para as boas intenções. É gente de bem que não acaba mais. Deus agora faz rodízio, como podemos observar, a partir dessa visita de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança, guiados por Caravaggio.

— Caravaggio, esse aí nunca me enganou. Aposto que arrumou esse cargo de guia no inferno por prática de tráfico de influência. E Caronte, hein? Que caquético, os tempos mudaram e ele continua sem saber de nada.

— Caronte só tem pose. Ainda acha que o inferno é um lugar de suplício. Se fosse, jamais teria tantos políticos, empresários, burocratas, corruptos em geral. Essa gente só sabe viver com luxo, regalias e corrupção de todo tipo. O resultado é que o novo inferno estimula que todos queiram agir de modo a ir para lá.

— Só de pensar sinto tonturas e náuseas.

— Sim, meu amigo Jonathan Swift. Se pensassem bem, ou melhor, se pensassem, concluiriam que desde o tempo em que os bichos falavam e as galinhas tinham dente, a humanidade decepciona. Ainda são as pessoas pequeninas de Lilliput ou as grandes de Brobdingnag, em cujas mãos querem-nos brinquedos; as guerras inúteis e injustas, a meritocracia mentirosa, os cientistas tolos e vendidos, os políticos de rapina. A hipocrisia e a fraude grassam e a história não passa de uma grande impostura. Somos os estúpidos yahoos trazendo a miséria e a violência sobre o planeta. É uma constatação realista e muito triste. Dela, como Lemuel Gulliver, só nos resta o eremitério.

— Não, Sebastião Nunes, resta resistir, como você resiste; resta escrever. Continuar a praticar o direito à invenção e compor o grande ato coletivo que é a literatura. A literatura, para mim e para você, sempre foi uma máquina de guerra. As luzes que brilham sobre o mundo não se apagam.

CHORORÔ

Quando ouvi a última frase, já estava em prantos. Depois de tentar tomar as notas do diálogo, com o máximo de fidelidade possível, fui para a cama. Repassava mentalmente a conversa e pensava se devia escrever um artigo ou se devia confessar essa noite inesquecível. Pensei no que Sebastião Nunes faria. Só fui dormir pela manhã.

ADRIANE GARCIA

é mineira de Belo Horizonte. Em 2013, seu livro *Fábulas para adulto perder o sono* ganhou o Prêmio Paraná de Literatura, na categoria poesia. Em 2014, publicou *O nome do mundo* (Editora Armazém da Cultura); em 2015, publicou *Só, com peixes*; e em 2016, *Embrulhado para viagem*, na Coleção Leve um livro.

BIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO NUNES

Última Carta da América. Belo Horizonte: Edição do autor, 1968.

A Cidade de Deus. Belo Horizonte: Edição do autor, 1970.

Finis Operis. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1973.

Zovos. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1977.

O Suicídio do Ator. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1978.

Serenata em B Menor. Sereno de Cataguases: Edição do autor, 1979.

A Velhice do Poeta Marginal. Sereno de Cataguases: Edição do autor, 1983.

Papéis Higênicos. Sabará: Edições Dubolso, 1985.

Antologia Mamaluca 1 & Poesia Inédita (Poesias). Sabará: Edições Dubolso, 1988.[3]

Antologia Mamaluca 2 & Poesia Inédita (Aurea Mediocritas). Sabará: Edições Dubolso, 1989.

FICÇÃO EXPERIMENTAL

Somos Todos Assassinos. Sereno de Cataguases: Dubolso, 1980. 2ª edição, idem, 1981. 3ª edição, Sabará: Dubolso/Mazza, 1995. 1ª edição comercial: São Paulo: Altana, 2000.

História do Brasil. Sabará: Dubolso/Mazza, 1992. 1ª edição comercial: São Paulo: Altana, 2000.

Decálogo da Classe Média, Sabará: Edições Dubolso, 1998.

Elogio da punheta & O mistério da pós-doutora (ficção). Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

João (infanto-juvenil). Sabará: Dubolsinho, 2007.

Adão e Eva no Paraíso Amazônico. Sabará: Dubolsinho, 2009.

Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo. Sabará: Dubolsinho, 2017.

ENSAIO

Sacanagem Pura, Sabará: Dubolso/Mazza, 1995 (publicação dupla, com a 3ª edição de *Somos Todos Assassinos*)

Para que serve a escrita? A + B + C: 0. In: Maria Inês de Almeida (org.) São Paulo: EDUC/Editora da USP, 1997. p. 15-26

Aventuras e desventuras de um escritor metido a escritor. In: Jonathan Busato, Laura Moreira e Milton Nakanishi, A versão do Autor. São Paulo: Com-Arte, 2004.

INFANTOJUVENIL

O ontem que virou hoje. Belo Horizonte: RHJ Livros, 1998.

Sapatolices. Belo Horizonte: RHJ Livros, 1998.

Gato no mato. Sabará: Dubolsinho, 2000.

O rei dos pássaros. Sabará: Dubolsinho. 2ª edição, 2005.

O inventor do xadrez. Sabará: Dubolsinho, 2000.

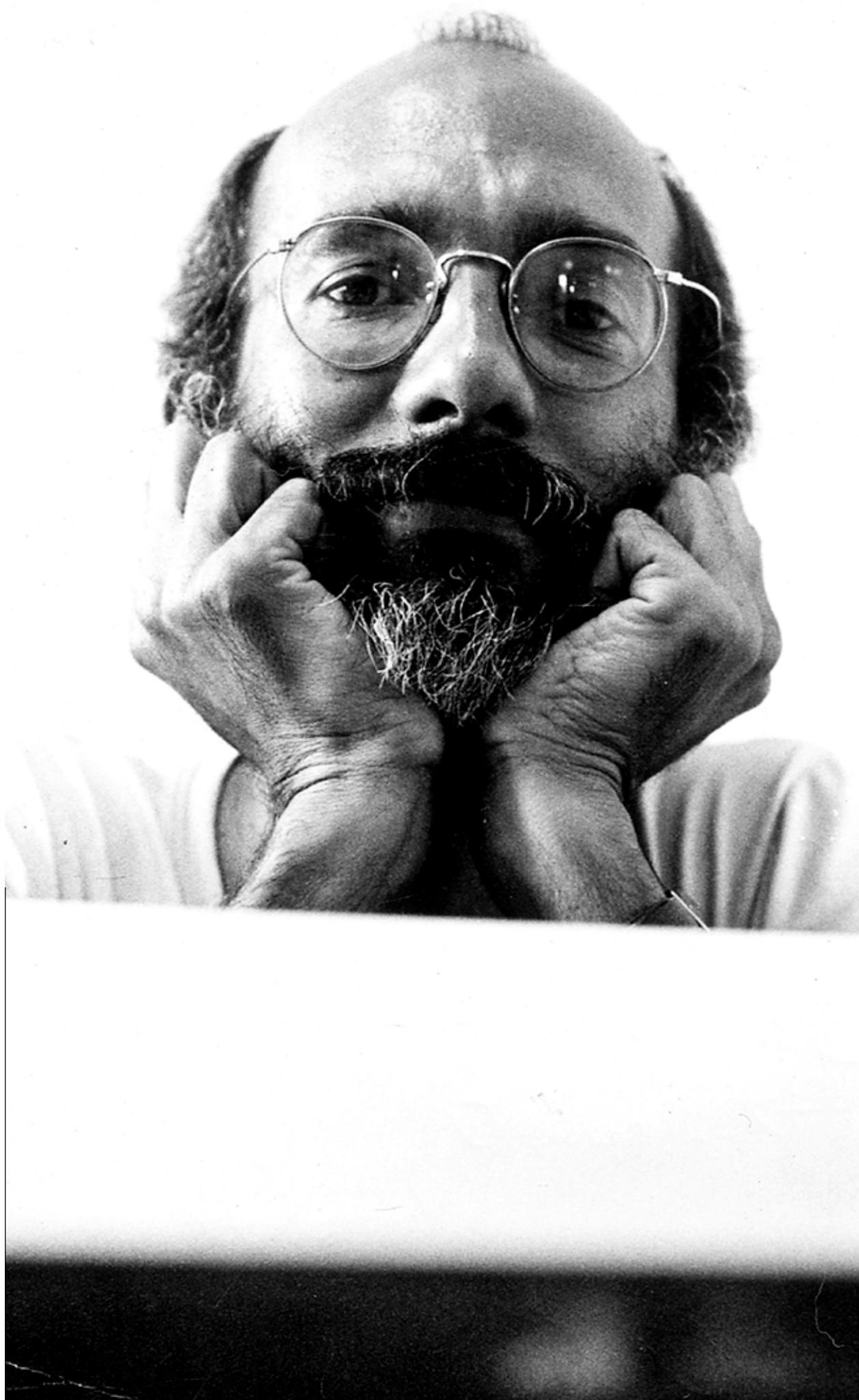
A cidade das estrelas. Sabará: Dubolsinho, 2000.



EXP

RICARDO ALEIXO

**o ex-p
oeta
& seu
sem-
pre des
afio:
ser o
 próp
rio
boi de
piranha
na hora
de cruzar
o rio**



RICARDO ALEIXO
mineiro de Belo Horizonte, é poeta.
